



Rômulo Rafael Ribeiro Paura

**Pretensões de nacionalidade: Lima Barreto e a questão
nacional em Triste fim de Policarpo Quaresma**

Monografia apresentada à Graduação em História da PUC-Rio como
requisito parcial para a obtenção do título de licenciatura em História.

Orientador: Prof. Dr. Leonardo Afonso de Miranda Pereira

Rio de Janeiro
Julho de 2011

À memória de meu pai Joaquim
e para minha mãe Maria

Agradecimentos

Gostaria de agradecer a todos que contribuíram para que eu chegasse até aqui. Primeiramente ao Programa Universidade para Todos – ProUni, que concedeu uma bolsa integral para eu cursar a graduação, ao FESP que me auxiliou com gastos essenciais durante a formação e à bolsa PET que permitiu uma dedicação exclusiva aos estudos e maior qualificação na minha formação.

Ao meu orientador Leonardo Pereira, pela sua atenção e dedicação dada a este trabalho e cujas indicações, leituras e críticas foram de extrema importância para sua realização e fundamental para a minha formação. Sendo um exemplo a ser seguido como professor e historiador.

Aos professores do Departamento de História que são sempre atenciosos e disponíveis aos alunos e demonstram verdadeira preocupação com nossa formação. Aos funcionários do departamento que tornam o ambiente do departamento mais descontraído e estão sempre dispostos a ajudar.

Aos amigos e colegas de curso, com quem compartilhei todas as dificuldades e alegrias da formação.

Tenho que agradecer também ao grupo PET, pelas amizades que construímos e as aprendizagens de companheirismo e solidariedade entre os alunos do grupo. À tutora Eunícia Fernandes peça chave da minha formação e exemplo de como devemos tratar com responsabilidade e dedicação nossas ideias.

À Carol com quem compartilhei todas minhas angústias e aflições nos momentos finais de minha formação e escrita da monografia e esteve sempre ao meu lado, mesmo quando não podia estar por perto.

À minha família que esteve sempre ao meu lado e com quem sempre pude contar nos momentos mais difíceis, principalmente minha mãe com carinho e dedicação ímpar e meu pai que infelizmente não pode me ver chegar até aqui.

Resumo:

A proposta do presente trabalho é analisar o modo pelo qual o romance Triste fim de Policarpo Quaresma, publicado em 1911 em folhetins do Jornal do Comércio, dialoga com o debate sobre a nacionalidade de sua época, identificando as diferentes concepções da nacionalidade na virada do século XIX para o XX com as quais Lima Barreto está dialogando. A questão da nacionalidade aparece no romance através do patriotismo do protagonista, Policarpo Quaresma, que se expressa por três caminhos diferentes: a cultura, a produção agrícola e o militarismo. O fechamento desse trabalho pretende mostrar como Lima Barreto fez do romance um meio de dialogar com diferentes concepções de nacionalidade de seu tempo testemunhando, a seu modo, um momento de crise da identidade nacional.

Palavras-chave:

Patriotismo, identidade nacional, tradição, Lima Barreto.

Sumário

1. Introdução -----	6
2. As coisas genuinamente nacionais -----	11
3. Entre flores e espinhos -----	27
4. Voluntário em defesa da pátria -----	41
5. Conclusão -----	53
6. Referência Bibliográfica -----	55

1. Introdução

A virada do século XIX para o XX marca, no Brasil, um momento de grandes transformações sociais. Abolida a escravidão e proclamada a República, cabia aos contemporâneos enfrentar novamente o tema da identidade nacional, na tentativa de definição do que era particular aos brasileiros e ao Brasil. Em vista de tal necessidade, muitos intelectuais, que iam da chamada “Geração de 1870” até os ditos modernistas da década de 1920, buscaram através de romances, ensaios e estudo da história, definir e caracterizar a nação, repensando o sentido da nacionalidade em um país que mudava seus rumos.

Foi em meio de tal processo que Afonso Henrique de Lima Barreto escreveu, no ano de 1911, sua obra mais conhecida e lida. Publicado originalmente em folhetins na edição da tarde do Jornal do Comércio, cinco anos mais tarde esta obra sairia em livro custeado pelo próprio autor, com o título Triste fim de Policarpo Quaresma.¹

A importância da obra se mede pelo tamanho e qualidade de sua fortuna crítica. Dentre muitas obras que trataram do romance, no entanto, destaca-se, pela tentativa de historicização do debate nele proposto, a de Lucia Lippi de Oliveira, intitulada A questão nacional na Primeira República.² Através da análise de produção de diferentes autores do período que pensaram a identidade nacional brasileira, o livro tenta pensar o tema da nação a partir do pensamento social brasileiro do período, destrinchando tanto suas matrizes europeias quanto o modo pelo qual elas foram relidas no Brasil dentro do recorte temporal de 1870-1920. Foi em meio a tal esforço que, em seu quarto capítulo, a autora analisa o romance de Lima Barreto, o qual entende diretamente como uma crítica ao pensamento nacionalista ufanista e conservador. Para chegar a tal conclusão ela analisa a obra por três vias distintas, todas relacionadas ao ufanismo idealizado por Afonso Celso: a cultura, a produção agrícola e o militarismo. Para a autora, a ironia e o ceticismo de Lima Barreto seriam os recursos literários para criticar tal concepção do Brasil.

¹ Ver. BARRETO, Lima. Triste fim de Policarpo Quaresma. São Paulo: Penguin, 2011. Utilizo em toda minha monografia esta edição, organizada por Lilia Moritz Schwarcz, Lúcia Garcia e Pedro Galdino. Com introdução de Lilia Moritz Schwarcz e prefácio de Oliveira Lima escrito em 1916 na ocasião da publicação da primeira edição do romance.

² OLIVEIRA, Lucia Lippi de. A questão nacional na Primeira República. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

Por mais inspiradora que seja, as análises de Oliveira acabam, porém, por reduzir o romance a um único ponto de interlocução: o ufanismo de autores como Afonso Celso. Acontece que, como é possível perceber a partir de seu próprio estudo, muito mais complexa era, no período, o debate sobre a nacionalidade. Se todos compartilhavam a necessidade de redefinição do perfil da nação, diversas foram as alternativas pensadas para se chegar a tal fim. Analisando mais cuidadosamente cada uma dessas questões que são postas no romance é possível, por isso, perceber que há uma pluralidade de pensamentos sobre a questão nacional com a qual Lima Barreto está travando diálogo, não sendo possível restringir à interlocução com Afonso Celso.

Em vista disso, a proposta do presente trabalho é analisar o modo pelo qual o romance Triste fim de Policarpo Quaresma dialoga com o debate sobre a nacionalidade do período, identificando as diferentes concepções da nacionalidade na virada do século XIX para o XX com as quais Lima Barreto está dialogando. Busca-se, com isso, entender o que ele tem a dizer sobre a construção da identidade nesse período e sobre as matrizes de pensamento que davam respostas sobre a nacionalidade brasileira - de modo a refletir sobre o modo pelo qual um texto ficcional pode dialogar com o debate sobre a nacionalidade, formado em sua maioria por ensaios.

Para tratar dessas questões, é importante levar em consideração a especificidade do testemunho histórico que é a literatura. Não pretendo tratar o romance de Lima Barreto como algo inefável ou transcendente. Tampouco, pretendo reduzir a obra a uma leitura absoluta que afaste a singularidade de produção do autor. Busco as interlocuções sociais do romance que o torne mais inteligível com o intuito de potencializar a experiência literária e torna-la profícua para o debate sobre a questão nacional.³

Para isso pretendo me apropriar do romance como um “testemunho histórico”. Proponho seguir as sugestões de Chalhoub e Pereira, que chama a atenção para a necessidade de “historicizar a obra literária, inseri-la no movimento da sociedade, investigar as suas redes de interlocução social, destrinchar não a sua suposta autonomia em relação à sociedade, mas sim a forma como constrói ou

³ BOURDIEU, Pierre. As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

representa a sua relação com a realidade.” Ao utilizar a literatura como fonte, acredito assim que ela é testemunho como qualquer outro, no sentido de que coloca ao analista filtros e questões necessárias para sua análise – ainda que essa forma de escrita imaginativa envolva questões específicas, que colocam o analista frente a protocolos narrativos e práticas discursivas singulares. Cabe, assim, buscar suas condições de produção, interrogando as intenções do sujeito, o que ele testemunha sem ter a intenção de fazer e procurar a lógica social do texto.⁴

Essa concepção se torna ainda mais relevante no caso de Lima Barreto – para quem a obra de arte tem por fim dizer o que os simples fatos não dizem.⁵ De seu ponto de vista, ela é uma criação humana, depende estritamente do meio, da raça e do momento – todas essas posições concorrendo concomitantemente. Ou seja, a condição de produção e o lugar de fala do sujeito são fundamentais para se entender a lógica do texto. “A arte, por ser particular e destinar-se a pintar as ações de fora sobre a alma e vice-versa, não pode desprezar o meio, nas suas mínimas particularidades, quando delas precisar.”⁶ Para ele, ela tem função de ligar uma alma a outra e mostrar os motivos de suas dores e alegrias. Para isso, na construção de seus personagens e ambientes é preciso utilizar de detalhes que parecem insignificantes e não abstrair as circunstâncias da realidade, pois, todas as pessoas não manifestariam suas dores e alegrias da mesma maneira. Lima Barreto está negando a possibilidade de existir sentimentos e experiências essenciais e é justamente ao conjunto de circunstâncias que tornam o homem e suas ações singulares que a literatura deve se ater para dizer algo sobre a realidade.

Essa concepção sobre a literatura é importante para compreender como ele constrói o romance e seu protagonista, pensando em relação direta com a realidade vivida pelo autor. Policarpo Quaresma é uma possibilidade de patriota que viveu no Rio de Janeiro, o romance se passa nos anos seguintes ao estabelecimento do regime republicano. Constantemente no romance Lima Barreto faz referência direta a personagens, eventos e lugares reais, como Floriano Peixoto e Olavo Bilac, Revolta da Armada e bairros do Rio de Janeiro como

⁴ CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Afonso de Miranda (org.). A História contada: capítulos de história social da literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

⁵ BARRETO, Lima apud SCHWARCZ, Lilia Mortz. “Introdução – Numa ‘encruzilhada de talvez’: um grande romance aos pedaços”. In, BARRETO, Lima. Op. Cit. p. 20.

⁶ BARRETO, Afonso Henrique de Lima. “Uma fita acadêmica” In, *Feiras e Mafuás*. São Paulo, Brasiliense, 1956.p. 39. (A.B.C., Rio, 02-08-1919)

Benfica e Botafogo. Policarpo Quaresma, o protagonista do romance, é um funcionário público, subsecretário do Arsenal de Guerra. Morador dos subúrbios tinha cerca de cinquenta anos, não era casado nem tinha filhos, morava com sua irmã, também solteira e um agregado ex-escravo. O personagem dedica mais de trinta anos de sua vida estudando a pátria, sua natureza, costumes e história. Desses estudos elabora suas ideias patrióticas. O romance se passa justamente quando Quaresma decide colocar essas ideias em prática, certo de que seus estudos garantiriam o sucesso, porém, todas elas se tornam uma decepção no decorrer do livro.

O patriotismo de Policarpo Quaresma se expressa por três caminhos diferentes, que ajudam a demarcar diferentes partes do romance. Em vista disso, este trabalho parte do esforço de separar esses caminhos pelos quais o personagem expressa seu patriotismo, analisando cada um deles em capítulos próprios.

No primeiro capítulo o personagem investe no patriotismo pelo viés cultural, valorizando, estudando e disciplinando os elementos que seriam genuinamente nacionais – a modinha tocada no violão, o folclore e o uso da língua e costumes dos índios. Para entender o sentido de tais ideias, faço uma breve análise da biblioteca ficcional de Quaresma, de modo a compreender como ela contribui para formar um perfil específico para o protagonista que nos ajuda a entender a leitura sobre a nação que ele propõe de início.

Já no segundo capítulo, que trata da segunda parte da obra, o patriotismo do protagonista é analisado através da valorização das riquezas da terra. Por ver a natureza do Brasil um elemento que o tornava singular e superior às demais nações, Quaresma passava a torná-la como um motivo de orgulho. Essa riqueza garantiria o caminho natural do país para ocupar o posto de superioridade, independente da ação direta do governo. Essas ideias, que dialogam claramente com algumas concepções de Afonso Celso, estabelecem uma leitura idílica do Brasil, com a qual Lima Barreto dialoga de forma específica.

Por fim, o terceiro e último capítulo trata de outra dimensão desse sentimento nacional: o patriotismo militarista. Derrotadas as outras concepções de patriotismo, nas quais o protagonista havia se engajado, ele passa a ter a crença que só um governo forte e central poderia dar à pátria o rumo certo. Assim, ele se alista voluntariamente na Revolta da Armada ao lado das tropas do marechal

Floriano Peixoto. Ao atribuir a Quaresma tal atitude, Lima Barreto mostra um último esforço de diálogo com o pensamento então representado por autores como Olavo Bilac e Coelho Netto, membros da Liga de Defesa Nacional.

Não obtendo o sucesso esperado, Quaresma segue para o seu triste fim e o meu trabalho para a conclusão que tenta fechar o percurso dessa monografia mostrando como Lima Barreto fez do livro um meio de dialogar com diferentes concepções de nacionalidade de seu tempo testemunhando, a seu modo, um momento de crise da identidade nacional.

2. As coisas genuinamente nacionais.

A busca pelas tradições fazia parte de um projeto maior que envolvia toda a vida de Policarpo Quaresma. O narrador diz que ele, “depois de trinta anos de meditação patriótica, de estudos e reflexões, chegava agora ao período de frutificação.”⁷ Nesse período, ele “estudou a pátria, nas suas riquezas naturais, na sua história, na sua geografia, na sua literatura e na sua política.”⁸ Essa dedicação o fez pensar que chegara o momento de agir a favor do engrandecimento da nação.

Na primeira parte do romance seu patriotismo é expresso pela busca dos elementos culturais construtores da Pátria, da identidade e da singularidade nacional. Os elementos culturais que poderiam contribuir para o projeto de Quaresma são: modinha, o folclore e a língua tupi-guarani. Como esses elementos aparecem no romance por intermédio do personagem principal e o que representavam tais elementos no debate sobre a nação no momento em que Lima Barreto está escrevendo o romance, são os pontos que pretendo abordar nesse capítulo.

Para fazer uma análise do romance é indispensável uma apresentação geral de seu personagem principal, destacando suas características pessoais e seu perfil construído por Lima Barreto. Tal apresentação ajuda a entender como o personagem formula suas ideias.

Policarpo Quaresma mantinha todos os dias sua rotina, chegava em “casa às quatro e quinze da tarde. Havia mais de vinte anos que isso acontecia.”⁹ Sua pontualidade é descrita pelo narrador do romance como semelhante à “aparição de um astro, um eclipse, enfim, um fenômeno matematicamente determinado, previsto e predito.”¹⁰

“Quaresma era um homem pequeno, magro, que usava *pince-nez*, olhava sempre baixo, mas quando fixava alguém ou alguma coisa, os seus olhos tomavam, por detrás das lentes, um forte brilho de penetração, e era como se ele quisesse ir à alma da pessoa ou da cousa que fixava.”¹¹

Vestia-se sempre de fraque, preto, azul ou cinza e não raro sobre a cabeça usava uma cartola alta de abas curtas. A forma de se vestir mostra a formalidade

⁷ BARRETO, Lima. Op. Cit. p.85.

⁸ Idem, p.85.

⁹ Idem, p.71.

¹⁰ Idem, p.72.

¹¹ Idem, p.74.

com que ele se apresentava ao mundo e o quão distante estava deste. Era um personagem com fraquezas físicas, mas essa é uma característica superficial, o marcante no personagem é sua capacidade de ser profundo nas suas ações e análises.

Ele gozava, “por parte da vizinhança, da consideração e respeito de um homem abastado.”¹² Se não tinha amigos, também não tinha inimigos, pois era “cortes com os vizinhos que o julgavam esquisito e misantropo.”¹³ Quaresma era morador do subúrbio carioca, porém era extremamente singular em relação aos seus vizinhos e por vezes não era compreendido. Os vizinhos não aceitavam o fato de alguém que não era doutor, como Quaresma, tivesse livros em casa. Para que um burocrata, subsecretário do arsenal de guerra possuía tantos livros? Essa leitura que os vizinhos faziam dele destaca a singularidade de Quaresma.

Com exceção do apego aos livros, nada mais era estranho aos olhos dos vizinhos na rotina de Policarpo Quaresma até ele mudar seus hábitos. Isso ocorre, no entanto, quando o Major – cujas únicas visitas que recebia eram seu compadre e sua afilhada - começou a receber em sua residência, três vezes por semana, a visita de um homem baixo, magro e pálido. O estranhamento da visita não se devia às características físicas do homem, mas ao que ele carregava para a casa do major: um violão. “Um homem tão sério metido com essas malandragens!”¹⁴, comentava a vizinhança. Foi por isso com escândalo que eles viram, um dia, o major chegar em casa com seu próprio violão – na indicação de que era como aluno que recebia em sua residência o homem carregando o instrumento. Tal atitude lhe valeu a reprovação de sua irmã, insatisfeita com o seu contato com tais práticas: “Policarpo, você precisa tomar juízo. Um homem de idade, com posição, respeitável, como você é, andar metido com esse seresteiro, um quase capadócio – não é bonito.”¹⁵

A irmã de Quaresma se refere a Ricardo Coração dos Outros, “homem célebre pela sua habilidade de cantar modinhas e tocar violão.”¹⁶ Sua fama era grande nos bairros do Meier, Piedade e Riachuelo, onde “gozava da estima geral

¹² Idem, p.73.

¹³ Idem, p.73.

¹⁴ Idem, p.73.

¹⁵ Idem, p.75.

¹⁶ Idem, p.89.

da alta sociedade suburbana,¹⁷ e já chegava à São Cristóvão e em breve chegaria Botafogo, devido à repercussão de sua obra nos jornais. É possível que Ricardo Coração dos Outros fosse inspirado em Catulo da Paixão Cearense, assim, Quaresma não teria aula com qualquer compositor de modinhas, mas com um grande mestre.

Por que Quaresma buscava ter aulas de violão, instrumento mal visto e pouco aceito pelos seus conhecidos? Após estudos nos quais buscava descobrir qual seria a expressão poética musical característica da alma nacional, nos quais consultou cronistas, historiadores e filósofos, ele acabou por concluir caber tal papel à modinha acompanhada do violão. “Seguro dessa verdade, não teve dúvidas: tratou de aprender o instrumento genuinamente brasileiro e entrar nos segredos da modinha.”¹⁸ A opção de Quaresma pela modinha tocada no violão não é ao acaso, é fruto de estudos e pesquisas. Se justificando a sua irmã Quaresma diz que “a modinha é a mais genuína expressão da poesia nacional e o violão é o instrumento que ela pede.”¹⁹ O romance apresenta, pela fala do personagem, quais seriam seus objetivos ao tocar violão: trabalhar para que “as nossas tradições, os usos genuinamente nacionais”²⁰ não morressem. Porém, para Quaresma, não adiantava apenas tocar esse ritmo, era preciso discipliná-lo, para fazer dele a expressão de toda a nacionalidade brasileira. Ele enxerga na modinha uma suposta tradição brasileira que estaria sendo perdida, cabendo a ele a função de reaviva-la.

De fato havia uma diferença nas concepções de Quaresma e de Ricardo em relação ao violão. Para o professor “o violão é o instrumento da paixão. Precisa de peito para falar... É preciso encostá-lo, mas encostá-lo com maciez e amor, como se fosse a amada, a noiva, para quem diga o que sentimos.”²¹ Ricardo demonstrava enorme paixão pelo instrumento desprezado. Para ele a junção da modinha com o violão significava achar as palavras que o violão pede e deseja para serem tocadas. Para Quaresma, por outro lado, a relação com o violão não era de paixão, mas de estratégia – tendo o objetivo claro de engrandecer um tipo de música, supostamente da tradição brasileira. Ele busca através de estudos chegar a essa

¹⁷ Idem, p. 90.

¹⁸ Idem, p.92.

¹⁹ Idem, p. 76.

²⁰ Idem, p.76.

²¹ Idem, p. 95.

arte e discipliná-la, ou seja, introduzir elementos exteriores a ela. O narrador do romance nos mostra as dificuldades que o major tem em tocar algumas notas, pois ele não teria nem o dom nem a habilidade de seu mestre. Na verdade Quaresma não teria nem a paixão nem o sentimento necessário para tocar tal instrumento, que eram elementos essenciais em Ricardo, para quem o violão não tinha uma função objetiva como tinha para Quaresma.

A diferença que separava Quaresma de Ricardo Coração dos Outros se ratifica numa passagem na qual este faz uma crítica a Olavo Bilac, que teria lhe oferecido alguns versos para uma modinha. Ricardo não aceitou a oferta porque, embora reconhecesse em Bilac um poeta que escreve versos corretos que diziam coisas bonitas, não os via como próprios para o violão. A posição de Bilac perante o violão se assemelharia, assim, à de Quaresma, pois, desconhecendo o instrumento e sua especificidade, os dois não conseguem compartilhar da paixão e do sentimento que Ricardo tinha, pois buscam disciplinar o violão, agregando valores a ele que não são próprios, são exteriores e, portanto, estranhos.

A intenção de Policarpo Quaresma é disciplinar o violão e a modinha para torna-los uma expressão de toda a nacionalidade brasileira é uma idealização feita pelo personagem. A falta de afinidade com instrumento que é contraposta pela habilidade de Ricardo, mostra o quanto Quaresma está distante de um entendimento do que seria a modinha tocada no violão. Ao criar tal distanciamento do personagem e demonstrar as suas dificuldades para entender o sentido do violão e da modinha, Lima Barreto está fazendo uma crítica à forma como esse personagem pretende se apropriar de uma suposta cultura popular.

Mesmo sendo o violão um instrumento mal visto, a música de Ricardo desperta o interesse da vizinhança. Dona Ismênia vai à casa de Quaresma e faz um pedido em nome de seu pai: convida Coração dos Outros a cantar em sua casa e justifica à irmã de Quaresma “Papai, gosta muito de modinha... É do Norte; a senhora sabe que gente do Norte aprecia muito.”²²

O pai de Ismênia era o general Albernaz que, apesar de general, não tinha nada nele que lembrasse a guerra.

“Durante toda a sua carreira militar, não viu uma única batalha, não tivera no comando, nada fizera que tivesse relação com a sua profissão e o seu curso de

²² Idem, p. 99.

artilheiro. (...) A sua sabedoria a tal respeito estava reduzida às batalhas do Paraguai, para ele a maior e a mais extraordinária guerra de todos os tempos.”²³

Era um homem plácido, medíocre e bonachão que estava preocupado em casar as quatro filhas e fazer com que o filho passasse nos exames do Colégio Militar.

A presença de Coração os Outros contagiou todos na casa de Albernaz. Ele e sua esposa, dona Maricota, passam a ter o “desejo de sonhar, de poetar, à maneira popular dos velhos tempos. (...) A modinha era pouco, o seus espíritos pediam coisa mais plebeia, mais característica e extravagante.”²⁴ Foi assim que decidiu fazer uma chegada a moda do Norte, na ocasião do aniversário de sua praça.

Quaresma fica encantado com essa ideia e “viu logo a significação patriótica do intento.”²⁵ Até então ele não havia pensado nas festas e danças tradicionais. É nesse momento que Quaresma dá atenção ao segundo elemento que ele vai idealizar como genuinamente nacional: o folclore, expresso nos cantos e danças tradicionais do povo.

No romance o entusiasmo dos personagens esbarrara num problema: quem iria ensinar os versos e as músicas para a festa? “Alguém lembrou Maria Rita, uma preta velha, antiga lavadeira da família Albernaz.”²⁶ Importante destacar aqui que o romance se passa poucos anos após a abolição da escravidão e Maria Rita é uma ex-escrava da família de Albernaz. Quaresma e o general vão buscar nesse grupo de ex-escravos cantigas populares para dar a festa um ar popular.

Quaresma e Albernaz pegam um bonde que os levam até o bairro de Benfica, onde morava Maria Rita. Ao chegar à humilde casa da velha são recebidos por sua neta. Maria Rita aparece em seguida com algumas dificuldades no andar e de imediato não reconhece o Albernaz. Ao pedir para ela ensinar umas cantigas a velha diz que já se esqueceu dessas “cousas véia, do tempo do cativoiro” e pergunta ao visitante: “pra que sô coroné que sabe isso?”²⁷ A única canção que ela consegue lembrar é o “Bicho Tutu”, ao recordar a cantiga o narrador descreve essa ação da seguinte forma: “talvez com grande saudade do tempo em que era escrava e ama de alguma grande casa, farta e rica, ergueu a

²³ Idem, p. 103-104.

²⁴ Idem, p. 103.

²⁵ Idem, p.103.

²⁶ Idem, p. 103.

²⁷ Idem, p.108.

cabeça, como para recordar-se,²⁸. Porém a canção era de embalar criança. Essa passagem mostra que a memória do povo que Quaresma queria recuperar era algo idealizado por ele. A memória de dona Maria Rita está relacionada ao trabalho que ela executava. Como diz o narrador ela se recorda de quando era ama de alguma farta casa grande, e não de cantos folclóricos ou populares.

Ambos vão embora da casa de Maria Rita tristes e Quaresma, em certa medida indignado e cheio de ideias.

“Como é que o povo não guardava as tradições de trinta anos passados? Com que rapidez morriam assim na sua lembrança os seus folgares e as suas canções? Era bem um sinal de fraqueza, uma demonstração de inferioridade diante daqueles povos tenazes que os guardavam durante séculos! Tornava-se preciso reagir, desenvolver o culto das tradições, mantê-las sempre vivazes nas memórias e nos costumes...”²⁹

Os pensamentos de Quaresma mostram a falta de percepção de que a memória que ele buscava na velha era idealizada, como também mostra sua opinião sobre o povo que seria fraco e inferior, para reverter tal situação era preciso que ele, um estudioso das tradições, criasse nesse povo um culto as tradições. O personagem se coloca distante e diferente desse povo, pois ele teria essa percepção que era ignorada pelos outros.

A decepção de Albernaz e Quaresma não durou muito, pois Cavalcanti, noivo de Ismênia informou que nas imediações,

“morava um literato, teimoso cultivador dos contos e canções populares do Brasil. (...) Era um velho poeta que teve sua fama ai pelos setenta e tantos, homem doce e ingênuo que se deixava esquecer em vida, como poeta, e agora se entretinha em publicar coleções que ninguém lia, de contos, canções, adágios e ditados populares.”³⁰

O folclorista era um estudioso das tradições populares e ficou animado com a visita dos dois. Por toda sua casa e na sala onde recebe Quaresma e Albernaz havia tantos livros, pastas e latas que mal podiam se mover nela. O entusiasmo do folclorista com os visitantes fez com que ele fosse logo lendo as poesias populares, as *Histórias do mestre Simão*, uma espécie de fábula popular. Para o folclorista, “há no nosso povo muita invenção, muita criação, verdadeiro material

²⁸ Idem, p.109.

²⁹ Idem, p.109.

³⁰ Idem, p.109.

para fabliaux interessantes...”³¹. A concepção do folclorista é que esse material, produto do povo, deveria ser trabalhado para formar a cultura nacional.

Durante esse encontro Quaresma é apresentado pelo narrador como semelhante ao folclorista, ele “olhava o velho poeta com o espanto satisfeito de alguém que encontrou um semelhante no deserto.”³² De fato haviam semelhanças entre os dois, pois ambos eram estudiosos das tradições e compartilhavam a concepção de que a cultura popular deveria ser disciplinada para tirando dela algo genuinamente nacional. Quaresma fazia isso com a modinha assim como o velho folclorista fazia com esse material produzido pelo povo que ele estudava. Dedicavam-se integralmente a essa tarefa e igualmente não eram reconhecidos.

A proximidade entre o protagonista do romance e o “estudioso” que aparece como personagem não era, entretanto, casual. Para os contemporâneos, não seria difícil reconhecer, neste, a figura de Alexandre José de Mello Moraes Filho (1844-1919) que em 1888 havia publicado o livro Festas e tradições populares do Brasil, sua principal obra. No decorrer de sua vida ele publicou poesias, estudos literários, trabalhos de história e estudos de etnografia. Médico e seminarista, Mello Moraes teria a intenção nesse livro de criar uma íntima relação entre as manifestações culturais populares e a exaltação de “nossa nacionalidade”, valorizando a cultura mestiça na formação do povo brasileiro, que tinha como local de criação as festas populares e católicas.³³

No momento em que escreve Festas e Tradições populares do Brasil, esse tipo de estudo era muito recente e se confundia com a própria literatura. Ele não se autodenomina folclorista, pois para críticos literários da época como Sílvio Romero (1851-1914), esse conceito implicava estudos dentro do modelo cientificista da época, Moraes Filho não se identificava com essa perspectiva de estudo, embora certamente tivesse contato com ela.³⁴ Sua obra, em que se ouve ainda certos ecos românticos, está dividida em quatro partes: festas populares, festas religiosas, tradições e tipos de rua. Nos seus estudos ele privilegia a

³¹ Idem, p.112.

³² Idem, p. 110.

³³ Ver, ABREU, Martha. “Mello Moraes Filho: festas, tradições populares e identidade nacional.” In, CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Afonso de Miranda (org.). *A História contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. pp.171-193. Nesse trabalho a autora defende o caráter original e audacioso do Moraes Filho mediante a valorização de conceitos como civilização, tradição, povo e nacionalidade e a sua relação com as festas religiosas e populares.

³⁴ Idem, p. 172.

observação do povo na capital, e não no interior, onde para muitos críticos da época como Silvio Romero o povo se apresentava mais puro e original. Boa parte das festas que ele estuda ocorre na capital e no seu entrono. Ao analisar um casamento da roça, na província do Rio de Janeiro, ele nos dá pistas sobre seu entendimento da relação entre povo e a nacionalidade,

É na intimidade desse povo inculto, na convivência direta com essa gente que conserva os seus usos adequados, que melhor se pode estudar a nossa índole, o nosso caráter nacional, deturpado nos grandes centros por uma pretendida e extemporânea civilização que tudo nos leva, desde as noites sem lágrimas até os dias sem combate.

E nem se diga que somos um povo que não tem passado e nem tradições; que não tivemos costumes próprios como qualquer outro, (...).

Em todos os atos de sua vida particular e pública, o Brasil possui cabedal distinto de usanças, notas discordantes de costumes, pouco variáveis, alguns deles, no sul e no norte.³⁵

Para ele o caráter nacional estaria preservado no povo inculto, afastado dos grandes centros, livre das transformações da civilização, carregados de uma pureza nos costumes. É nesse povo que ele encontra a singularidade do caráter nacional, uma singularidade que coloca o brasileiro em igualdade com os demais povos. Moraes Filho faz uma análise dos costumes desse povo observando-o com um distanciamento não só temporal, mas social, pois a posição que ele ocupa o permite classificar esse povo arbitrariamente de inculto e ele, como o representante dessa civilização, já não carrega em si os elementos tradicionais. Ele fala de tradições do passado que estariam morrendo. Esse é mesmo ponto de vista do qual Quaresma pretende disciplinar a modinha e as tradições populares.

Nos dizeres de Silvio Romero, Moraes Filho desprezara “as lantejoulas da moda”. A moda no período de escrita de Festas e tradições populares era o cientificismo e suas teorias raciais que defendiam a inferioridade das raças não brancas e das culturas não europeias. A mestiçagem era vista como um mal para a nação e a imigração de europeus nos livraria desse mal através do branqueamento. Esses teóricos abominava a origem africana da nacionalidade brasileira. Moraes Filho pensa diferente dos teóricos contemporâneos a ele, pois enxerga a nação com as lentes do romantismo, já que foi educado na atmosfera romântica por intermédio de seu pai Alexandre José Mello Moraes. A leitura romântica da nação

³⁵ FILHO, Mello Moraes. Festas e tradições populares do Brasil. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1979.

de Moraes Filho o faz encontrar a particularidade da nossa nacionalidade na união dos portugueses, negros e mestiços.

A relação entre a obra de Lima Barreto e Mello Moraes aparece quando realçamos alguns elementos do romance que já foram apresentados até aqui. Motivados pela visita de Ricardo Coração dos Outros, Albernaz e sua esposa, dona Maricota, se interessaram por festas, cantigas e hábitos genuinamente nacionais. Albernaz ainda se recordava de algumas cerimônias da sua infância e dona Maricota sabia alguns versos de reis. O general é um personagem que veio do norte, ou seja, estaria mais próximo desse “povo inculto” que Moraes Filho faz referência como portador do caráter nacional. No romance caberia, portanto, a Quaresma ajudar o general a recuperar suas lembranças de infância, que haviam sido perdidas com a vida na capital.

Albernaz tinha a intenção de fazer uma chegada à moda do Norte para comemorar o aniversário de sua praça. Tanto a festa de Reis quanto as cheganças são celebrações descritas por Mello Moraes.

“As cheganças e os reisados no Norte preenchem em muitas localidades as indicações da noite”.

“Completamente distintos, independentes uns dos outros, esses divertimentos públicos revelam naquela gente uma característica nacional, um sentir à parte, um traço acentuado de diferenciação entre o norte e o sul.”³⁶

Albernaz e sua esposa têm em suas memórias algumas dessas características que os remetem ao Norte. São personagens nos quais os valores estão mudando, mesmo sendo empolgado pelas cantigas populares, o seu objetivo ao fazer uma festa em sua casa fica claro: arrumar marido para suas filhas e conseguir contatos para fazer seu filho passar nos exames da escola militar. Ou seja, Albernaz possui aqueles traços de um povo inculto no qual se encontram traços do caráter nacional. Mas a sua intenção em fazer a festa já está misturada com os valores individualistas da civilização.

Coincidência ou não Moraes Filho observa um tipo de rua chamado Policarpo, suas características são bem familiares ao personagem de Lima Barreto. Ele sofre de alguma enfermidade mental e vive livremente com suas manias, veremos mais adiante que os projetos patrióticos de Policarpo Quaresma o levam a ser internado como louco, a mania de ambos aparecem de um momento

³⁶ Idem, p. 131.

para o outro quando nota-se a diferença nos seus modos. Mas as semelhanças não param aí, “Policarpo não implicava com os vizinhos, não provocava os transeuntes, não descompunha a ninguém.” Lima Barreto faz uma descrição semelhante da relação de seu personagem com os vizinhos. Ambos são assíduos e pontuais nas suas ações. Uma atitude de ambos os Policarpós faz com que os vizinhos se ocupem de alguma forma com eles, ao tocar violão com um parceiro eles quebram a rotina da cidade, o de Moraes Filho na região central, o de Lima Barreto nos subúrbios carioca. Essa aproximação entre um tipo de rua descrito por Moraes Filho e o personagem do romance de Lima Barreto, se não for coincidência, aponta um provável contato do romancista com a obra que fala das festas e tradições populares.

Voltando ao romance, após a realização da festa na casa de Albernaz Quaresma não descansou, aprofundou seus conhecimentos sobre o folclore e a decepção veio em poucas semanas de estudo. “Quase todas as canções e tradições eram estrangeiras; o próprio ‘Tangolomango’ o era também.”³⁷ Com seus estudos sobre folclore Quaresma percebe que essas festas e canções populares não atendiam a sua demanda por um purismo cultural, a busca por elementos culturais que fossem desde sempre genuinamente nacionais, fruto de nossa terra. Era “preciso arranjar alguma coisa própria, original, uma criação da nossa terra e dos nossos ares. Essa ideia levou-o a estudar os costumes tupinambás.”³⁸ Ele pretendia criar um “código de relações, de cumprimentos, de cerimônias domésticas e festas, calcados nos preceitos tupis.”³⁹ É dessa busca por um purismo nos costumes que Quaresma se dedica ao terceiro elemento que poderia dá um caráter de singularidade à nação – a cultura e as tradições indígenas.

A partir de estudos árduos sobre a cultura indígena ele elabora códigos de costumes que se esforça por colocar em prática. Num domingo de manhã ao receber a visita de sua afilha com o seu compadre, ao invés de cumprimentá-lo apertando a mão começou a chorar, tão desesperadamente que chamou a atenção de sua irmã e de seu agregado Anastácio que foram correndo para a sala preocupados. Ninguém entende a atitude de Quaresma e ele fica indignado por eles não conhecerem os costumes da terra. Para Quaresma os brasileiros deveriam

³⁷ BARRETO, Lima. Op. Cit. p. 113.

³⁸ Idem, p. 113.

³⁹ Idem, p. 113.

chorar ao encontrar os amigos, assim como faziam os tupinambás e não apertar as mãos.

Com a valorização dos costumes indígenas Quaresma começa a mudar sua visão sobre os elementos genuinamente nacionais. Essa mudança fica visível no diálogo entre ele e Ricardo Coração dos Outros na presença de sua afilhada que fica espantada com o padrinho, até ali era tão calmo e sossegado. Quaresma defende o uso de instrumentos musicais indígenas como o maracá e a inúbia ao invés do violão.

- Não conheces? É boa! Os instrumentos mais nacionais possíveis, os únicos que são verdadeiramente instrumentos dos nossos antepassados, daquela gente valente que se abateu e ainda se bate pela posse dessa linda terra. Os caboclos!

- Instrumento de caboclo, ora! – disse Ricardo.

- De caboclo! O que é que tem? O Léry diz que são muito sonoros e agradáveis de ouvir... Se é por ser de caboclo, o violão também não vale nada – é um instrumento de capadócio.⁴⁰

Para Quaresma esses instrumentos são verdadeiramente nacionais e possuem mais dificuldades que o violão para serem reconhecidos como tal. A fala de Ricardo denota uma inferioridade desses instrumentos por serem de caboclo e Quaresma fica inconformado, pois defende que os caboclos são os defensores da posse da terra brasileira e passa criticar então o violão como um instrumento de capadócio. O que está sendo colocado em jogo pelo autor nesse debate é o papel que esses tipos – caboclo e capadócio – teriam para a constituição da nacionalidade. Quaresma até certo momento defende o violão e a modinha, mas sentia necessidade de algo mais original da terra brasileira como as culturas indígenas e seus instrumentos musicais.

Esse debate sobre a identidade nacional ocupou gerações de literários brasileiros. Os românticos idealizaram o índio como elemento original de nossa nacionalidade e formador do povo brasileiro. Na virada do século XIX para o XX, uma nova geração, formada por literários, folcloristas e caricaturistas, passa a dar um novo caráter para o povo brasileiro, composto por personagens do cotidiano, das ruas, “o português da venda, a mulata sensual, o malandro, o capoeira, o zé-povo, e também o Jeca Tatu.”⁴¹ Ao analisar a obra de Mello Moraes Filho, por

⁴⁰ Idem, p. 119.

⁴¹ Ver. VELLOSO, Monica Pimenta. “O modernismo e a questão nacional”. In, DELGADO, Lúcia de Almeida Neves e FERREIRA, Jorge (orgs.). O Brasil republicano: o tempo do liberalismo excludente. Da proclamação da República à revolução de 1930. (Vol. 1). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. A autora defende essa mudança em relação a representação da

exemplo, percebemos a dedicação de uma parte inteira de sua obra Festas e tradições populares do Brasil, para a descrição e análise dos “Tipos de rua”, os indígenas são analisados como um desses tipos de rua.⁴²

Quaresma não se contentava em só valorizar os elementos da cultura indígena. Há anos ele estudava a língua e a cultura tupi-guarani e com esse conhecimento ele pretendia empreender reformas muito mais profundas. Quaresma radicaliza suas ações e escreve um requerimento para o congresso com uma proposta pouco usual. Por meio desse requerimento ele veio “pedir que o Congresso Nacional decrete o tupi-guarani como língua oficial e nacional do povo brasileiro.⁴³” Quaresma diz “está certo que a língua portuguesa é emprestada ao Brasil” e defende que “a língua é a mais alta manifestação da inteligência de um povo, é a sua criação mais viva e original; e, portanto, a emancipação política do país requer como complemento e consequência a sua emancipação idiomática.⁴⁴” E continua sua defesa ao tupi-guarani, “é a única capaz de traduzir as nossas belezas, e pôr-nos em relação com a nossa natureza e adaptar-se perfeitamente aos nossos órgãos vocais e celebrais, por ser criação de povos que aqui viveram e ainda vivem.”⁴⁵

Quaresma torna-se notícia na imprensa e motivo de piada para toda a sociedade. É o primeiro momento que suas ideias trabalhadas a mais de trinta anos no seu gabinete são postas a prova da sociedade e são da pior maneira possíveis reprovadas. Porém, tiveram um efeito interessante em Quaresma. “A continuidade das troças feitas nos jornais, a maneira com que o olhavam na rua, exasperavam-no e mais forte se enraizavam nele suas ideias.”⁴⁶

Não foram todos que condenaram ou não entenderam a intenção do major, sua filha Olga, numa conversa com seu pai se mostra, não a favor do padrinho, mas entende sua proposta. Ela teve um sentimento de “piedade simpática por ver mal compreendido o ato daquele homem que ela conhecia a tantos anos, seguindo

nacionalidade, no Império pelo índio forte e vigoroso das caricaturas de Angelo Agostini na Revista Ilustrada e no início do século XX essa imagem não se sustenta mais e a nacionalidade passa a ser representada pelo povo na rua.

⁴² Ver. FILHO, Mello Moraes. Op. Cit. O “Maia” da praia grande é um “pardo acaboclado” que compõe esses tipos de rua.

⁴³ BARRETO, Lima. Op.cit. p. 139.

⁴⁴ Idem. p. 139-140.

⁴⁵ Idem, p. 140.

⁴⁶ Idem, p. 142.

o seu sonho, isolado, obscuro e tenaz.”⁴⁷ O italiano Caleone, compadre de Quaresma, não entende sua atitude mesmo recebendo explicações de sua filha e denuncia o que de pior estava por vir: “Isso vai causar-lhe transtorno”. De fato causou, tomado pelas suas ideias e pela necessidade de provar aos companheiros de ofício na secretaria de guerra que sabia escrever em tupi acabou enviando por engano um ofício na língua indígena para o ministério. Quaresma foi convocado a comparecer no ministério e ao tentar se explicar, provocou a irritação do ministro que supondo que o amanuense estava duvidando de seus conhecimentos o suspendeu de suas funções.

No último capítulo da primeira parte do romance Quaresma é internado no hospício. Mas estaria Quaresma ficando doido? Toda essa reprovação às ideias do personagem é uma ironia de Lima Barreto em relação às ideias do romantismo brasileiro, que tinha como característica o indianismo.⁴⁸ As incompreensões dessas ideias viriam pelo passadismo que elas tinham e por não fazerem mais sentido no momento que Quaresma as propõe. Tão pouco não respondia à crise de identidade da Primeira República.

As ideias atribuídas por Lima Barreto à Quaresma não são fantasiosas, levando em consideração o uso de recursos como o exagero e a ironia para tratar delas, e dar vida ao personagem, ideias como a utilização da língua tupi-guarani, como única forma de traduzir nossas belezas e colocar-nos em relação com a natureza está presente em alguns autores que compuseram o romantismo brasileiro.

Esse movimento passa a pautar a produção intelectual do país por um abasileiramento – paisagístico, idiomático, temático – apaixonado e obrigatório.⁴⁹ A preocupação com o abasileiramento da literatura passava pela questão da língua. Buscavam se diferenciar dos portugueses, sem abandonar o português dando a ele um “acento do Brasil” e empreenderam um esforço na definição de uma língua literária própria.⁵⁰ Gonçalves Dias, um autor importante desse momento, monta o *Dicionário da língua tupi, chamada geral dos indígenas do*

⁴⁷ Idem, p.149.

⁴⁸ SUSSEKIND, Flora. “O escritor como genealogista: a função da literatura e a língua literária no romantismo brasileiro.” In, PIZARRO, Ana. *América Latina: Palavra, Literatura e Cultura*. (vol.2). Emancipação do discurso. São Paulo: Memorial; Campinas: UNICAMP, 1994.

⁴⁹ Idem p. 455.

⁵⁰ Idem. p. 460.

Brasil, impresso em 1857.⁵¹ Antes dessa obra, Francisco Adolfo de Varnhagem escreve em 1841 na *Revista Trimensal de História e Geografia*, “a respeito da importância de se criarem escolas de línguas indígenas no país para auxiliar a elaboração de um glossário especial de vocábulos indígenas.”⁵²

O interesse dos românticos pelos indígenas influenciou sua produção literária e sua visão sobre a nação. Lima Barreto constrói seu personagem marcado pelas influências dessa literatura, que pode ser percebida na biblioteca do personagem, cuja análise é fundamental para entendermos como Lima Barreto constrói o pensamento de Quaresma. Segue a descrição:

...num aposento vasto, com janelas para a rua lateral, e todo ele era forrado de estantes de ferro.

Havia perto de dez, com quatro prateleiras, fora as pequenas com livros de maior tomo. Quem examinasse vagarosamente aquela grande coleção de livros havia de espantar-se ao perceber o espírito que presidia sua reunião.

Na ficção, havia unicamente autores nacionais ou tidos como tais: o Bento Teixeira, da *Prosopopéia*; o Gregório de Matos, o Basílio da Gama, o Santa Rita Durão, o José de Alencar (todo), o Macedo, o Gonçalves Dias (todo), além de muitos outros. Podia-se afiançar que nenhum dos autores nacionais ou nacionalizados de oitenta pra lá faltava nas estantes do major.

De História do Brasil, era farta a messe: os cronistas, Gabriel Soares, Gandalvo; e Rocha Pita, Frei Vicente de Salvador, Armitage, Aires do Casal, Pereira da Silva, Handermann, Melo Moraes, Capistrano de Abreu, Suthey, Varnhagem, além de outros mais raros ou menos famosos. Então, no tocante a viagem e explorações, que beleza! Lá estavam Hans Staden, o Jean de Léry, o Saint-Hilaire, o Martius, o Príncipe de Neuwied, o John Mawe, o von Eschwege, o Agassiz, Couto de Magalhães e se encontravam também Darwin, Freycinet, Cook, Bougainville e até o famoso Pigafetta, cronista da viagem de Magalhães, é porque todos esses últimos viajantes tocavam no Brasil, resumida ou amplamente.

Além desses havia livros subsidiários: dicionários, manuais enciclopédias, compêndios, em vários idiomas.

Vê-se assim que a sua predileção pela poética de Porto Alegre e Magalhães não lhe vinha de uma irremediável ignorância das línguas literárias da Europa; ao contrário, o major conhecia bem sofrivelmente francês, inglês e alemão; e se não falava tais idiomas, lia-os e traduzia-os corretamente.⁵³

Uma biblioteca pode dizer muito de seu usuário, pelo o que ele já leu ou entrou em contato de literatura, pode também haver livros que ele tenha lido e não estão na biblioteca. Esse caso é menos relevante para Policarpo Quaresma, pois ele é praticamente solitário na sua leitura, não participa de nenhum círculo de leitores e na sua vizinhança ele é considerado um excêntrico por possuir livros. A biblioteca particular de Lima Barreto, denominada por ele como “Limana”, é

⁵¹ Idem. p.461.

⁵² Idem, p. 466.

⁵³ BARRETO, Lima. Op. Cit. p. 76-83.

totalmente distinta, cheia de autores estrangeiros não possui o mesmo ar nacionalista da biblioteca de seu personagem.⁵⁴

A relação de Quaresma com o romantismo não se dá somente por ele possuir as obras de Gonçalves Dias e Varnhagen, citados anteriormente como defensores do estudo da língua indígena. Sua biblioteca constrói um personagem com influências no romantismo brasileiro, a grande maioria de suas obras é de meados do século XIX e os autores estrangeiros que escrevem sobre o Brasil desde momentos anteriores da emancipação política são as referências pelas quais Quaresma cria um imaginário sobre o país. Outra característica marcante é ser uma biblioteca predominantemente composta por autores nacionais, nacionalizados ou que falam do Brasil e são, na sua maioria, de 1880 pra lá. Os viajantes que ele trata serviam de base para os estudos dos românticos que tinham a intenção de conhecer o Brasil.

Ao criar tal biblioteca Lima Barreto mostra uma leitura possível do Brasil que é feita pelo personagem partindo de tais obras. Importante notar que elas são as únicas referências de Quaresma, que vivendo sua rotina de trabalho burocrático e estudos em sua casa não conhece o país por meio de viagens ou de experiências práticas, mas por intermédio de leituras feitas de seu gabinete.

É dessa biblioteca que Quaresma constrói sua imagem de pátria, seu sonho, seu combustível pra agir em favor do engrandecimento do país. É partindo de seus estudos que ele valoriza o violão, o folclore e o tupi-guarani como elementos genuinamente nacionais que devem ser valorizados e disciplinados. A busca de Quaresma por um pretencioso purismo ingênuo seria fruto dessas ideias românticas, o fato de não darem certo as propostas de seu personagem representa a crítica que Lima Barreto está fazendo a tal concepção de nação.

Em relação aos elementos valorizados por Quaresma na busca de uma cultura genuinamente nacional, podemos afirmar que o violão, o folclore e as festas populares são aceitos pelos demais personagens do romance, porém sem a

⁵⁴ Diferentemente do que diz a nota 48 da edição do romance que eu utilizo, não creio que a biblioteca de Quaresma seja uma alusão à própria biblioteca de Lima Barreto. A diferença entre as duas bibliotecas são claras. Ver, *idem*, p.83. Ver. BARBOSA, Francisco de Assis. A vida de Lima Barreto. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002. 8ª edição. P. 375. A biblioteca de Lima Barreto foi estudada e analisada também na tese de doutorado defendida pela UNICAMP de Denilson Botelho, na sua análise ele busca os traços políticos de Lima Barreto. Ver, BOTELHO, Denilson. Letras militantes: história, política e literatura em Lima Barreto. Campinas, SP: Tese de doutorado UNICAMP, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2001.

pretensão de torna-los um elemento da identidade nacional, como supunha Quaresma. Já o indianismo que seria a radicalização de sua busca por um purismo das tradições é questionado por todos. Mediante essas questões, Lima Barreto está propondo com o fracasso do empreendimento patriótico de Quaresma que a modinha, o folclore e o indianismo não são caminhos de se afirmar a nacionalidade.

Novas propostas e demandas na definição do nacional estavam surgindo no final do século XIX com a abolição da escravidão e a proclamação da República, pena que Quaresma não percebe tais mudanças de seu gabinete e continua buscando um caráter de nação que não existe. A resposta que Lima Barreto dá a esse debate sobre a identidade nacional que vinha desde os românticos é que tais propostas não tinham uma relação com a especificidade das relações sociais que existiam no Brasil, eram formuladas a partir de paradigmas externos a essa realidade.

O nacional não precisava ser pintado apenas pela “cor local”, por elementos originais de nossa terra. Como diz Machado de Assis, “se deve exigir do escritor, antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem de seu tempo e de seu país, ainda quando trate e assuntos remotos no tempo e no espaço.”⁵⁵ Quaresma não tem esse sentimento íntimo, pois justamente lhe falta experiência e vínculos para construir tal sentimento com o tempo e o lugar em que vive. Durante toda essa primeira tentativa de construir uma identidade nacional ele falou de coisas que desconhecia, não faziam parte de sua experiência e sua cultura, por isso, que suas ações fracassam e ele acaba sendo visto como louco.

Já Lima Barreto é um homem de seu tempo e de seu país e assim como Machado de Assis, se incomoda com leituras absolutas que fazem do país. Barreto através de Policarpo Quaresma critica essas formas de leitura e mostra como que esses caminhos de se pensar a nação são insuficientes e fracassados.

⁵⁵ Ver, ASSIS, Machado de. “Literatura Brasileira – Instinto de nacionalidade”. In, *Queda que as mulheres tem para os tolos e outros textos*. Belo Horizonte: Crisálida, 2003. P. 46.

3. Entre flores e espinhos

Policarpo Quaresma passou seis meses no manicômio para se recuperar completamente. Embora não fosse feliz antes, ele ficou ainda pior, “saiu envolvido, penetrado na tristeza do manicômio”.⁵⁶ De fato, sua presença em tal ambiente não foi motivo de recuperação, tendo servido apenas para afastá-lo momentaneamente de suas ideias patrióticas.

A obsessão, no entanto, continuava a acompanhá-lo, como mostra o desenrolar da trama.

Vendo-o em tal situação, sua afilhada sugere que ele compre um sítio, acreditando que o cultivo de um pomar o ajudaria a sair da tristeza. O narrador do romance nos diz que a reação de Quaresma foi imediata. “Tão taciturno que ele estivesse, não pode deixar de modificar imediatamente sua fisionomia à lembrança da moça. Esse de tirar da terra o alimento, a alegria e a fortuna; e foi lembrando dos seus antigos projetos.” Quaresma responde à afilhada: “que magnífica ideia tens tu! Há por aqui tantas terras férteis sem emprego... A nossa terra tem os terrenos mais férteis do mundo...”⁵⁷. Frente à reação do padrinho, a afilhada logo demonstra arrependimento, mas Quaresma continua com sua empolgação: “Vou fazer o que tu dizes: plantar, criar, cultivar o milho, o feijão, a batata-inglesa... Tu irás ver as minhas culturas, a minha horta, o meu pomar – então é que se convencerás como são fecundas as nossas terras!”⁵⁸

A fala atribuída ao protagonista mostra como, nesse momento do romance, Lima Barreto começava a apontar um segundo caminho de afirmação da nacionalidade a ser trilhado por seu protagonista, voltando para o engrandecimento da pátria mediante as suas riquezas naturais. Cabe assim analisar de que modo a natureza aparece, no romance, como um alternativa de articulação do orgulho e identidade nacional. Para isso é necessário levar em consideração tanto o modo específico pelo qual o autor formula essas ideias do personagem ao longo do romance quanto a interlocução que ele estabelece, através dela, com o debate social mais amplo do período.

Não que aquela postura representasse, de fato, uma mudança de opinião de Policarpo Quaresma. Valorizar a terra e suas riquezas naturais era uma ideia que

⁵⁶ BARRETO, Lima. Op. Cit. p. 178.

⁵⁷ Idem. p. 178.

⁵⁸ Idem. p. 178.

acompanhava Quaresma havia muito tempo. Logo no início do romance ele defende essas ideias no diálogo com sua irmã, que criticava sua mania de só querer comer produtos nacionais. “A nossa terra, que tem todos os climas do mundo, é capaz de produzir tudo que é necessário para o estômago mais exigente.”⁵⁹ O narrador nos mostra que para Quaresma o Brasil, “tinha todos os climas, todos os frutos, todos os minerais úteis, as melhores terras de cultura, a gente mais valente, mais hospitaleira, mais inteligente e mais doce do mundo – o que precisava mais? Tempo e um pouco de originalidade.” Como visto no capítulo anterior, a obsessão pela originalidade, buscada em elementos da cultura popular e indígena, já havia se mostrado infrutífera e trágica. Porém, isso não o faz abandonar seu projeto patriótico maior e seu amor pela pátria, que “só precisava de tempo para ser superior à Inglaterra.”⁶⁰ Aparentemente a sugestão da sobrinha o faz perceber que esse tempo lento, de quem planta e espera pacientemente pela colheita dos frutos, era o tempo do campo. Por isso, Quaresma passaria a partir de então a buscar na natureza brasileira, com suas supostas terras férteis e ricas, o caminho da grandeza da nação que não encontrara nas tradições populares.

Com uma nova razão a organizar suas ideias, Quaresma foi morar no sítio Sossego, na pequena cidade de Curuzu – a cerca de quarenta quilômetros do Rio de Janeiro. Antes de começar sua produção no sítio ele buscou conhecer os preços dos produtos, fez os cálculos necessários e teve certeza que seria possível ter o rendimento anual de mais de quatro contos. “Planejou a vida agrícola com exatidão e meticulosidade que punha em todos os seus projetos. Encarou-a por todas as faces, pesou as vantagens e o ônus.”⁶¹ Essas ações mostram sua preocupação em sempre calcular os riscos, sua disciplina com seus projetos, o caráter científico de suas ações, sempre muito bem analisadas de acordo com a lógica científica dos homens ilustrados do tempo.

Sua análise da situação mostrava que o empreendimento parecia monetariamente atraente. Ainda assim, Quaresma não queria tirar fortuna da terra, mas simplesmente mostrar que a agricultura seria um caminho natural para o engrandecimento do Brasil, seria possível tirar da terra quatro contos de réis por

⁵⁹ Idem. p. 95.

⁶⁰ Idem. p. 102

⁶¹ Idem, p. 179.

ano “facilmente, docemente, alegremente,”⁶² pois essa era uma terra abençoada, “com terras tão férteis, climas variados, a permitir uma agricultura fácil e rendosa, esse caminho estava naturalmente indicado.”⁶³ Ou seja, na concepção de Quaresma era preciso apenas intervir naquilo que já estava determinado. A facilidade que ele enxergava na atividade agrícola no Brasil seria assim um fruto direto da riqueza e da natureza do país, pois de sua terra seria possível tirar não só o sustento e a riqueza, como também a alegria e felicidade do povo.

Ao começar seus trabalhos no sítio Sossego, Quaresma dedicou as primeiras semanas à exploração da nova propriedade. Organizou um museu dos produtos naturais do sítio, etiquetou as espécies florestais e campesinas com seus nomes vulgares e, quando possível, científicos e fez um inventário dos animais que não sendo possível conservar os exemplares se limitou a fazer o seu museu no papel. Quaresma fez leituras e estudos das ciências naturais adquirindo sólidas noções de botânica, zoologia, mineralogia e geologia. Ele “encomendou livros nacionais, franceses, portugueses, comprou termômetro, barômetro, pluviômetros, higrômetros, anemômetro.”⁶⁴ Essas ações mostram como o personagem está em contato com espírito cientificista do final do século XIX e tenta aplicá-lo a todas as ações, acreditando que com o estudo e os aparatos científicos seria possível obter êxito nos seus empreendimentos.

Todo esse aparato instrumental e teórico é contrastado com o conhecimento e a experiência prática de seu ex-escravo e agregado chamado Anastácio. No início da exploração da terra era ele quem “apelava para suas recordações de antigo escravo de fazenda, e era ele quem ensinava os nomes dos indivíduos das matas a Quaresma, muito lido e sabido em coisas brasileiras.”⁶⁵ Era ele também que olhava com assombro todos os preparativos do major, e respondia a ele sobre o uso do pluviômetro: “Para que isso, patrão? A gente sabe logo de olho quando chove muito ou pouco... Isso de plantar é capinar, por a semente na terra, deixar crescer e apanhar...”⁶⁶ Na hora de capinar era a mesma coisa: enquanto Quaresma arrancava torrões de terra e sua enxada parecia mais uma draga, Anastácio seguia “ligeiro, rápido, raspando o mato rasteiro, com a mão

⁶² Idem, p. 180.

⁶³ Idem, p. 180.

⁶⁴ Idem, p. 182.

⁶⁵ Idem, p. 181.

⁶⁶ Idem, p. 182.

habituada, a cujo impulso a enxada resvalava sem obstáculo pelo solo.”⁶⁷ Novamente aparece no romance o contraste entre a experiência prática e os estudos de gabinete de Quaresma, que nada contribuem para ele executar com êxito seu trabalho na terra. Mesmo com Anastácio ensinando a Quaresma como manusear a enxada, no entanto, ele persiste no erro, pois não tinha afinidade com aquele tipo de instrumento e trabalho.

Essas atitudes de Quaresma mostram o quanto ele está distante das experiências práticas. Ele é um personagem obcecado por conhecimentos teóricos, acreditando que esses são suficientes para solucionar os problemas práticos, que demandam experiência. Lima Barreto constrói uma situação cômica que envolve o personagem mostrando sua falta de prática.

Quaresma não foi descrito assim pelo seu criador por acaso. Ao dar-lhe forma, Lima Barreto mostrava saber que essa visão otimista da pátria era compartilhada por alguns intelectuais do tempo, que reforçavam e atualizavam pontos de vista e crenças surgidas ainda no final do século XIX e início do XX.⁶⁸ Destaca-se, dentre tais matrizes, a figura de Afonso Celso – autor de uma obra que tem por título Porque me ufano de meu país?⁶⁹

Escrito em 1900 por ocasião da comemoração do quarto centenário do descobrimento do Brasil, ela foi publicada pela primeira vez no ano seguinte. A obra gozou de um sucesso, tendo sido adotada como manual de civismo por escolas em todo o país – o que fez com que em pouco tempo ela chegasse à sua segunda edição.⁷⁰ Tratava-se, portanto, de obra reconhecida e valorizada por boa parte dos intelectuais do tempo, com cujas crenças e certezas Lima Barreto continuava a dialogar.

Afonso Celso é filho do Visconde de Ouro Preto, último presidente do Conselho de Ministros do império. Foi contemporâneo de Lima Barreto, com quem manteve uma relação ao mesmo tempo próxima e distante. Seus pais mantiveram relação de proximidade no período do Império, o que fez o Visconde

⁶⁷ Idem, p. 183.

⁶⁸ Importante lembrar que a obra é escrita pela primeira vez em 1911 sobre uma trama que se passa nos primeiros anos da república.

⁶⁹ Para análise utilizo a edição de 2002 digitalizada pela EbookLibris da edição de 1908 editada por Laemert&Livresiros. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/ufano.html>

⁷⁰ Ver. DOMINGUES, Evandro Luis Von Sydow. *Uma terra sem formigas: o discurso ufanista brasileiro*. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, dissertação de mestrado, 1998. p. 41.

de Ouro Preto se tornar padrinho de Lima Barreto. Essa relação entre os pais mostra certa dependência do pai de Lima Barreto com o do Afonso Celso. Lima Barreto teve contato com o padrinho apenas uma vez e o que consta não foi uma situação agradável.⁷¹ Já com o seu confrade Afonso Celso consta uma relação educada e cordial, mas com pouca intimidade. Em 1916, no mês de março Afonso Celso enviou duas cartas a Lima Barreto – ambas a respeito da obra recém publicada, Triste fim de Policarpo Quaresma. Na primeira delas, agradecia o envio e fazia um breve elogio à Barreto e o informava de uma nota que faria para publicar no Jornal do Brasil.

“Brevemente, na seção “Cotas aos Casos”, do *Jornal do Brasil*, aparecerá uma ligeira apreciação do mesmo abaixo assinado sobre esse livro, cuja leitura me causou a mais viva e agradável impressão, corroborando o juízo que ele já formava quanto ao peregrino talento literário do autor do *Isaías Caminha*.”⁷²

A segunda carta Celso solicita que Barreto envie um exemplar do livro ao Jornal do Brasil para que a apreciação pudesse ser publicada. Barreto escreve para Celso no dia 29 de março agradecendo a “bondade e delicadeza que teve com o obscuro autor”⁷³, na apreciação feita no dia anterior.

De fato, na seção “Cotas aos Casos”, do Jornal do Brasil de 28 de março de 1916, Afonso Celso faz uma breve apreciação do romance Triste Fim de Policarpo Quaresma. Não poupa elogios a Lima Barreto e faz referência à seu primeiro romance publicado, Recordações do escrivão Isaías Caminha. Compara Barreto à Machado de Assis, que não possuindo o mesmo estilo fluido e conceituoso do mestre, “vê homens e coisas por um prisma semelhante ao dele: uma intuição arguta, saturada de doce ceticismo.” Ele dá destaque à ironia utilizada por Lima Barreto. Em relação ao personagem Policarpo Quaresma, Celso o descreve como o um D. Quixote contemporâneo e brasileiro, um homem superior, com ideais e princípios que se tornam obstáculos para o sucesso, servindo para mostrar que muitas vezes os que triunfam são homens dotados de egoísmo. Ele não percebe Quaresma como ridículo ou cômico, mas como um personagem que é injustiçado.⁷⁴

⁷¹ Ver. BARBOSA, Francisco de Assis. Op. Cit. p. 119.

⁷² BARRETO, Lima. Correspondências. Organizadas por Francisco de Assis Barbosa. São Paulo: editora Brasiliense, 1956. P. 264.

⁷³ Idem. p. 265.

⁷⁴ CELSO, Afonso. “Cotas ao Caso”. In, Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 28 de março de 1916.

Se Afonso Celso leu o romance de Barreto é plausível supor que este também tenha lido o ensaio de seu confrade, apesar de não haver qualquer nota ou crítica feita por Barreto sobre ele. Dessa relação entre os dois autores é possível afirmar que Lima Barreto está fazendo uma menção direta às ideias de Afonso Celso mediante o personagem principal do romance. Quais são as pretensões e ideias de Afonso Celso que contribuem para o diálogo e debate no qual Lima Barreto está fazendo sobre a questão nacional a partir de seu romance?

Afonso Celso dedica essa obra a seus filhos e no primeiro capítulo apresenta para quem e para que escreveu tal obra. Supostamente ela seria feita para ensinar seus filhos a lição do patriotismo, para que dele possam colher frutos úteis à nação, à família e à espécie. A referência pode ser entendida não só no âmbito privado, mas sim uma alusão a toda uma geração, que compunha a juventude brasileira do início do século XX e dos primeiros anos republicanos. O ato de publicar sua obra indica que ele tinha a intenção de debater seus pontos de vista sobre a questão nacional.

O patriotismo que ele pretende ensinar é o

“ilimitado amor à região onde nasceste, servindo-a com dedicação absoluta, destinando-lhe o melhor da vossa inteligência, os primores do vosso sentimento, o mais fecundo da vossa atividade - dispostos a quaisquer sacrifícios por ela, inclusive o da vida.”

Esse sentimento não pode ser “irrefletido e cego, e sim raciocinado, robustecido pela observação, assente em sólidas e convincentes razões.”⁷⁵ Assim, ele se propõe no decorrer da obra a mostrar os motivos pelos quais o Brasil seria o país “mais digno, mais rico de fundadas promessas, mais invejável.” Essa afirmação seria fruto de experiência, estudos, leitura e meditação, não sendo resultado de um simples impulso ou de entusiasmo.

A obra está organizada em quarenta e dois capítulos que apresentam os onze motivos pelos quais o Brasil seria superior às demais nações. Esses seriam, basicamente, sua grandeza territorial, sua beleza, sua riqueza, a variedade e amenidade de seu clima, ausência de calamidades, excelência dos elementos que tratam do tipo nacional, nobres predicados do caráter nacional, por nunca ter sofrido humilhação e nunca ter sido vencido, pelo seu procedimento cavalheiresco e digno para com os outros povos, as glórias a colher nele e pela sua história. Os

⁷⁵ CELSO, Afonso. Porque me ufano de meu país. EbookLibris, 2002. Capítulo I.

cinco primeiros motivos estão voltados para a natureza, o sexto e o sétimo motivos para o povo e os quatro últimos para a história e o futuro do país. Percebe-se uma preponderância dos elementos da natureza como características de suas ideias que posteriormente vão ser adjetivadas como ufanistas.

Quando nos voltamos para os elementos referentes à natureza e ao homem, evidencia-se uma gritante proximidade entre as opiniões de Policarpo Quaresma e Afonso Celso.

Na obra de Afonso Celso encontramos, de fato, vários diversos elementos que voltariam a aparecer no pensamento do protagonista do romance. Além da pretensão de fundamentar suas ideias em estudos, de modo a afastá-las de um suposto entusiasmo cego e irrefletido, tal proximidade se expressa, em primeira mão, no modo pelo qual são tratadas nos dois livros a pátria e suas riquezas. Mais da metade dos motivos para se orgulhar do Brasil apontado por Afonso Celso são referentes às riquezas naturais do Brasil. Para ele “o Brasil é um mundo”, sendo o maior de todos os países da América Latina e ocupando “uma décima quinta parte do solo terráqueo”, somente os Estados Unidos, a Rússia e a China são maiores que o Brasil, permitindo uma densidade populacional superior a todos os países da Europa. Soma-se à grandeza territorial do Brasil a sua posição geográfica que permite “suprir por si só as necessidades físicas das inúmeras posições que o povoarem”.

O segundo motivo da superioridade da pátria seria sua beleza, apresentada na beleza paradisíaca da natureza, para isso ele utiliza cartas oficiais de viajantes que aqui estiveram em momentos diferentes da história e descreveram de forma positiva a natureza do país. Para ele o Brasil possui quatro curiosidades naturais: o Amazonas, a cachoeira de Paulo Afonso, a floresta virgem e a baía do Rio de Janeiro. Em relação ao Amazonas, Afonso Celso exalta ser o maior rio do mundo e continua descrevendo suas diversas qualidades e dimensões. Não por acaso, numa determinada passagem do romance de Lima Barreto Quaresma também exalta o Amazonas e o narrador nos dá a informação de que para provar a superioridade do tamanho do Amazonas sobre o Nilo Quaresma amputava alguns quilômetros do rio concorrente ao brasileiro.

Quando Afonso Celso fala da produtividade e fertilidade da terra brasileira é possível até mesmo confundir seus argumentos com o de Quaresma. Vejamos o que diz Afonso Celso:

“O milho e a mandioca já eram cultivados pelos índios. O arroz é silvestre em várias regiões. Prestam-se a qualquer cultura as terras do Brasil, de fertilidade proverbial. Verdadeira maravilha a uberdade da terra roxa que o calor e a umidade bastam a fecundar. As laranjeiras produzem, sem trato. Nalguns pés, em Mato Grosso, as laranjas, já muito doces, que murcham no galho, reamadurecem dulcíssimas, — verdadeira ressurreição. O solo compensa larga e generosamente, — agradece, na frase popular o mais leve cuidado que se lhe consagre. As sementes plantadas adquirem maior força produtiva que alhures. Ao lavrador é fácil tirar das suas terras tudo quanto precise, exceto sal, de que, aliás se encontram no Brasil grandes jazidas. Quase todas as culturas dão duas colheitas anuais.

Um país assim está em condições de se tornar o celeiro do mundo.”⁷⁶

A semelhança entre as palavras de Afonso Celso e aquelas atribuídas por Lima Barreto a seu personagem não se dá somente pelos produtos que Quaresma planta em seu sítio, que são os mesmo citados por Celso. A possibilidade futura de transformar o país no celeiro do mundo também faz parte das expectativas e objetivos de Quaresma. Para ambos a agricultura é o meio pelo qual o Brasil vai alcançar sua grandiosidade, é a vocação natural do país. A natureza e a riqueza da terra são os elementos de maior destaque no ufanismo, o Brasil, por possuir tais elementos está predestinado a dar certo. Isso acontece naturalmente, sem necessidade de recorrer a recursos artificiais. Ambos possuem uma visão idílica do Brasil.

Policarpo, acreditando nessas ideias, se recusa a utilizar produtos artificiais para melhorar a fertilidade da terra. O doutor recém-casado com sua afilhada, que faz uma visita a ele no Sossego, sugere o uso de adubo e fertilizantes para a plantação de Quaresma e recebe a seguinte resposta: “Senhor doutor, o Brasil é o país mais fértil do mundo, é o mais bem dotado e as suas terras não precisam de empréstimos para dar sustento ao homem. Fique certo.”⁷⁷ Para Quaresma bastava conhecer a técnica de plantação e trabalhar na terra, o sucesso desse empreendimento era certo. Essa posição de Quaresma expressa, dessa forma, uma caricatura daquela defendida por Afonso Celso no trecho em questão.

⁷⁶ Idem. Cap. XII.

⁷⁷ BARRETO, Lima. Op. Cit. p. 165.

Se a riqueza da terra era o principal motivo pelo qual se devia ufanar pelo Brasil, segundo Afonso Celso havia ainda outro elemento relevante: o homem. Não por acaso, esse elemento aparece mais uma vez tanto em seu ensaio quanto no romance de Lima Barreto. Para Afonso Celso há uma excelência dos elementos que entraram para a formação do tipo nacional.

“Para a formação do povo brasileiro concorreu três tipos de elementos: o americano, o negro africano e o português.

Do cruzamento das três raças resultou o mestiço que constitui mais da metade de nossa população.

Qualquer daqueles elementos, bem como do resultante deles, possuem qualidades de que nos devemos ensoberbecer. Nenhum deles fez mal à humanidade ou a deprecia.”⁷⁸

Preocupado com a definição da essência do “povo” brasileiro, com os elementos que o formam e suas principais características culturais, a ideia de cruzamento das raças como característica básica da formação nacional. Ao fazer isso, preocupa-se em negar a ideia de degeneração do tipo nacional, que seria a decorrência natural a mestiçagem do ponto de vista de muitos teóricos da raça⁷⁹. O mesmo esforço aparece no romance de Lima Barreto – como mostra o momento em que Quaresma, ao observar um de seus empregados, conclui que

“ele era claro e tinha feições regulares, cesarianas, duras e fortes, um tanto amolecidas pelo sangue africano.”⁸⁰ (...) “Quaresma procurou descobrir nele aquelas odiosas cataduras que Darwin achou nos mestiços, mas, sinceramente não encontrou.”⁸¹

Essa observação feita pelo Quaresma é a confirmação de que o elemento raça não era apontado pelo personagem como responsável pela situação deplorável da população rural. Lima Barreto está contradizendo teorias como o darwinismo social, que viam de forma pessimista a formação do povo brasileiro devido à mistura das raças.

Percebe-se assim que, em relação à questão racial, Lima Barreto e Afonso Celso concordam e negam essas certezas do seu tempo.

⁷⁸ CELSO, Afonso. Op.cit. cap. XVI.

⁷⁹ Essa teoria da raça que está sendo criticada no romance serviu de base para alguns intelectuais defenderem o branqueamento da população mediante a imigração, acreditando que assim, num futuro com população branca o Brasil se livraria dos males causados pela mestiçagem. Ver. MOTA, Maria Aparecida Rezende. Silvio Romero: dilemas e combates no Brasil da virada do século XX. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2000. p. 70.

⁸⁰ BARRETO, Lima. Op. Cit. p. 235.

⁸¹ Idem. p. 235.

O sentido dessa negativa, no entanto, mostra-se bem diverso nos dois autores. Ao afastar-se de idéias ainda hegemônicas no período, Afonso Celso mostra seu esforço em apresentar as virtudes que via na população brasileira como naturais, somado às riquezas da terra o valor nato de seus habitantes. Era tal combinação que, para ele, garantiria o sucesso do Brasil no futuro:

“No Brasil, com trabalho e honestidade, conquistam-se quaisquer posições. Encontra-se a mais larga acessibilidade a tudo, no meio de condições sociais únicas, sem distinção e divergência de classes, em perfeita comunicação e homogeneidade da população. A esperança constante de uma situação melhor anima a todos, e é esse o eficaz incentivo da indústria humana.”⁸²

Com uma natureza privilegiada e um povo valoroso, o sucesso nacional é inevitável. Configurava-se, assim, uma perspectiva que se tornaria forte nos anos seguintes, constituindo uma das vertentes principais da reflexão sobre a nacionalidade na Primeira República.

Por mais que Policarpo Quaresma corroborasse tal ponto de vista, no entanto, o destino de sem empreendimento se encarregaria de evidenciar os problemas deste ponto de vista. Ao tentar alcançar o sucesso no campo, ele encontrou barreiras tanto na natureza quanto na sociedade, cobrança de impostos e perseguição por não apoiar determinado político. Esses são alguns dos elementos que atrapalham os sonhos de Quaresma, mostrando-o que o trabalho árduo e a honestidade não garantiam o sucesso.

Claro, no entanto, que o protagonista demora a se dar conta de tal fato. A narrativa do romance mostra que a primeira a perceber tal situação, ao fazer um passeio na redondeza do sítio, foi sua afilhada:

“o que mais a impressionou foi a miséria geral, a falta de cultivo, a pobreza das casas, o ar triste, abatido da gente pobre (...) Havendo tanto barro, tanta água, por que as casas não eram de tijolo e não tinham telhas? Era sempre aquele sapê sinistro e aquele sopapo que deixava ver as tramas de vara, como o esqueleto de um doente. Por que ao redor dessas casas, não haviam culturas, uma horta, um pomar?”⁸³

A primeira explicação que ela encontra para tal situação é a preguiça, mas rapidamente não se conforma com essa explicação. “Não podia ser preguiça só ou indolência. Para o seu gasto, para o uso próprio o homem tem sempre energia para trabalhar.”⁸⁴ Então o que seria? Na continuação de seus pensamentos o narrador

⁸² Idem. Cap. XIII.

⁸³ BARRETO, Lima. Op. Cit. p 222-223.

⁸⁴ Idem. p. 223.

nos mostra que ela pensa ser um problema natural dos homens que vivam nessas terras. Partindo dessa hipótese ela resolve fazer uma investigação e pergunta a Felizardo por que ele não planta para se sustentar, segue o diálogo:

- “- Você por que não planta para você?
- Quá, sá dona! O que a gente come?
- O que planta ou aquilo que a plantação der de dinheiro.
- Sá dona tá pensando uma coisa e a coisa é outra. Enquanto planta cresce, e então? Quá, sá dona, não é assim.”

Ele continua capinando e segue dando os seus motivos:

“Terra não é nossa... E frumiga?... Nós não tem ferramenta... isso é bom para italiano ou alamá, que governo dá tudo... Governo não gosta de nós...”⁸⁵

Há nesse diálogo três elementos postos pelo autor do romance para justificar a pobreza vivida pelo povo: a falta de instrumentos de trabalho e de apoio do governo, só dado aos imigrantes, a presença de formigas e a propriedade da terra dificultando o camponês retirar dela os produtos para comer ou vender. Essa fala mostra que a “larga acessibilidade a tudo e condições sociais únicas e sem divergências de classe” não era o vivido por aquele povo, que tão pouco tem esperança de uma situação melhor. Mais importante que questão do imigrante colocada nessa fala é a ação do governo, que esquece essa parcela da população. O trabalho e a honestidade não seriam suficientes frente ao abandono em que viviam. O pensamento inicial da afilhada de Quaresma estaria assim equivocado ao responsabilizar o homem por sua situação miserável, pois o motivo seria de ordem política e social. O que Lima Barreto sugere, dessa forma, é que somente no contato com esse povo é possível entender a lógica que o empurrava para a miséria – não tendo ela causas naturais ou comportamentais.

Com o tempo, no entanto, Quaresma vai se dando conta de tal realidade. A narrativa da obra nos mostra a lenta mudança de opinião de Quaresma sobre essa população, “Com tristeza”, ele via

“não existir naquela gente humilde sentimento de solidariedade, de apoio mútuo. Não se associavam para coisa alguma e viviam separados, isolados, em famílias geralmente irregulares, sem sentir necessidade de união para o trabalho da terra.”⁸⁶

Note-se que, no caso de Lima Barreto, a crítica à falta de cultura do trabalhador rural abrange tanto os negros e mestiços quanto os brancos, ele não

⁸⁵ Idem. p.224-225.

⁸⁶ Idem. p. 232.

faz uma crítica a natureza do trabalhador brasileiro. Quando Felizardo destaca o abandono do governo aos brasileiros e o apoio aos imigrantes alemães ou italianos, o narrador do romance aponta este como um dos motivos pelo os quais os trabalhadores nacionais não conseguiriam trabalhar na terra por conta própria. A crítica mais contundente à imigração aparece em seguida, quando o narrador expõe os pensamentos de Quaresma.

“A tal afirmação de falta de braços pareceu-lhe uma afirmação de má fé ou estúpida, e estúpido ou de má fé era o governo que os andava importando aos milhares, sem se preocupar com os que já existiam. Era como se no campo em que pastavam mal meia dúzia de cabeças de gado, fossem introduzidas mais três, para aumentar o estrume!”⁸⁷

Nota-se, em tal trecho, que a crítica que ele faz à imigração se faz acompanhar de uma opinião pouco lisonjeira sobre o homem nacional: ao compará-los a gado, firma que o aumento dessa mão-de-obra só geraria mais problemas no campo. A partir da experiência no campo, Quaresma descobre assim que o homem nacional estava longe de apresentar as mesmas virtudes que o saudadas por Afonso Celso. Assim, a solução para essa situação miserável era política, pois era o governo quem agia de forma “estúpida ou de má fé.”

Não era apenas o despreparo dos homens, no entanto, a causa da pobreza dessa população. “E frumiga?” pergunta Felizardo à afilhada de Quaresma. O romance, as formigas representavam um obstáculo natural para a produção agrícola. O major sente esse problema na sua pele, bem no peito do pé, onde leva uma ferroadinha, enquanto as formigas invadem sua dispensa na calada da noite e carregam as suas reservas de milho e feijão. Após o ataque à dispensa elas destroem toda sua plantação de milho. Quaresma passa a travar uma verdadeira guerra contra as formigas, descobre as aberturas dos formigueiros e aplica o formicida mortal, por algum tempo o inimigo ficou aparentemente derrotado, mas voltaram a atacar suas plantações, as saúvas acabam com suas laranjeiras. O personagem trava uma batalha sem trégua e percebe que só “uma autoridade central, um governo qualquer, ou um acordo entre os cultivadores, podia levar a efeito a extinção daquele flagelo, pior que a saraiva, que a seca, que a geada, sempre presente, inverno ou verão, outono ou primavera.”⁸⁸ Lima Barreto pretende mostrar com essa situação que o seu personagem passa é que a natureza

⁸⁷ BARRETO, Lima. Op. Cit. p. 232.

⁸⁸ Idem. p. 238.

tem sim seus problemas e no caso das formigas pior que problemas climáticos de outros lugares, pois existiam independente da estação do ano. Isso mostra que a natureza no Brasil tinha problemas como em qualquer outro lugar e essa ideia de uma terra abençoada não era verdadeira.

Assim, as formigas e a falta de instrumentos eram os elementos que dificultavam a plantação e a retirada da terra o próprio sustento. Essas dificuldades mostram que a terra nada tinha de grandiosa. Felizardo questiona que para sustentar da terra é preciso comer o que ela dá ou vender esses produtos. Porém, Quaresma também não consegue tirar muita renda dos produtos que vende. Se os preços dos abacates eram baixos, caro era o transporte até o Rio de Janeiro. Além da dificuldade de encontrar compradores ele ainda recebe uma multa por não pagar os devidos impostos pelo envio das mercadorias à capital, que ficava apenas 40 quilômetros de distância de seu sítio. Quaresma fica inconformado com tal cobrança. E se questiona: “Como seria possível fazer prosperar a agricultura, com tantas barreiras e impostos?”⁸⁹

Essas eram as dificuldades, que se agravavam para os camponeses que nada tinham para sobreviver, Quaresma ao menos era dono de sua pequena parte de terra, tinha uma renda por fora – aposentadoria que ganhava como servidor. Tinha condições de comprar os instrumentos necessários à plantação. Mesmo assim, seu empreendimento é um fracasso, o seu exemplo só serve para provar o que Felizardo já sabia: não havia condições de se cultivar a terra, não só por problemas naturais como as formigas, que poderiam ser resolvidas pela ação do homem, mas por questões políticas e sociais, verdadeiras barreiras que eram invisíveis à Quaresma até então.

Continuando o romance, seus problemas se agravam, Quaresma sofre com o abuso do poder local, simplesmente por não querer se envolver em assuntos políticos. Ele recebe uma visita do doutor Campos, presidente da Câmara de Curuzu, que vem à casa do major pedir a ele que o apoie nas eleições. Quaresma nega esse pedido causando-lhe consequências futuras, ele é intimado à roçar e capitar as testadas de seu sítio que faziam fronteira com as vias públicas. Esse poder local é um problema para Quaresma, exige um dever a ele e não dá nenhum recurso que o ajude na sua produção. Como se não bastasse as dificuldades

⁸⁹ Idem. p. 244.

provenientes da natureza, ainda havia problemas de ordem política, gerando de vez o fracasso o empreendimento de Quaresma.

Com o caso ficcional de Policarpo Quaresma, Lima Barreto está mostrando que as propostas de Afonso Celso são problemáticas, a terra não tem nada de especial e superior, nem o caráter do homem brasileiro é essencialmente bom. Barreto aponta os limites desse discurso ufanista e a impossibilidade de aplicar tais ideias. Diferentemente de Afonso Celso, Lima Barreto não acredita num futuro naturalmente grandioso para o Brasil.

Essa diferença é um indicativo de leituras divergente da nação entre os dois autores. Afonso Celso, um defensor do regime monárquico, ao apresentar os motivos da superioridade do Brasil e colocar o futuro grandioso da nação como algo natural a ser alcançado independente da ação do governo, está demonstrando o seu posicionamento perante o novo governo proclamado poucos anos antes. Para ele, o sucesso da pátria seria certo pelos motivos apresentados, não pela ação do governo. Para ele, devemos amar e se ufanar de nosso país pelas suas potencialidades naturais e pelas características de seu povo e de sua história, não pela forma como está sendo governado.

Lima Barreto não se contenta apenas em criticar o ufanismo pela não aplicabilidade de tais ideias, ele mostra que a realidade é mais complexa e a ação dos homens e do governo são sim fundamentais não só para o engrandecimento do país, mas também, são a causa dos problemas e dificuldades vividos no momento em que escreve. Ao colocar as ações dos homens e do governo como protagonistas para a solução dos problemas do país, ele está fazendo uma crítica à visão otimista onde o sucesso é algo do destino.

Lima Barreto utiliza sua imaginação e sua leitura de mundo para supor como seriam essas ideias postas em prática, por elas serem um fracasso quando aplicadas nos resta concluir que para ele o ufanismo era uma enganação, um equívoco. Quaresma sofre as consequências disso e muda os meios de torna suas ideias viáveis passando de sua ação individual para uma solução que viria de cima.

4. Voluntário em defesa da pátria

Se a busca de uma originalidade para a nação pela tradição e seu engrandecimento mediante o trabalho na terra se mostraram infrutíferas, nem por isso Policarpo Quaresma conclui que a causa desses fracassos seria a ausência de uma cultura singular e rica ou de uma natureza exuberante. A certeza dessas qualidades da pátria continuaria, até o fim do romance, acompanhando seu protagonista. Frente ao insucesso de suas tentativas de engrandecer a nação por essas vias, sua conclusão era outra: do seu ponto de vista, o que impedia o seu sucesso era a ausência de uma direção central e forte, de um governo capaz de ditar os rumos da nação.

Cabe assim, analisar, nesse terceiro capítulo o último ato patriótico de Policarpo Quaresma no romance: seu militarismo patriótico, que se afirma em um voluntarismo combatente ao lado das tropas de Floriano Peixoto na revolta da Armada. O Marechal era visto pelo personagem como a representação de um poder central e forte capaz de dar a direção da pátria e promover as transformações necessárias para que o país seguisse o seu destino natural de tornar-se um gigante entre as outras nações. Seus propósitos ao ser voluntário era defender o governo de dissidentes antipatrióticos que queriam usurpar o poder.

Para se pensar esse último meio pelo qual Quaresma expressa seu patriotismo é preciso levar em consideração a relação que aparece no romance entre o personagem e o militarismo, assim como os militares e a política no governo de Floriano Peixoto. Contribuindo para a análise desses elementos utilizo crônicas do autor onde esses temas são tratados, assim como obras de outros autores contemporâneos a Lima Barreto que possuíam opiniões divergentes da dele sobre o assunto.

Ainda na primeira parte do romance, ao construir as características mais marcantes de Policarpo Quaresma, Lima Barreto estabelece a relação que o personagem tinha com o militarismo.

“Logo aos dezoito anos quis fazer-se militar; mas a junta de saúde julgou-o incapaz. Desgostou-se, sofreu, mas não maldisse a pátria. (...) Impossibilitado de evoluir-se sob os dourados do Exército, procurou a administração e dos seus ramos escolheu o militar. Era onde estava bem.

No meio de soldados, de canhões, de veteranos, de papelada içada de quilos de pólvora, de nome de fuzis e termos técnicos de artilharia, aspirava diariamente

aquele hálito de guerra, de bravura, de vitória, de triunfo, que é bem o hálito da pátria.”⁹⁰

Por ser subsecretário do Arsenal de Guerra, Quaresma buscou atrelar o seu trabalho burocrático com algo que o aproximava da concepção que ele tinha de patriotismo voltado para a bravura, para a guerra como o meio de defender os interesses da nação. Tal postura caracteriza o patriotismo como um sentimento agressivo.

Ainda assim, na maior parte do romance Quaresma leva uma vida tranquila, longe de violência e de batalhas, dedicada aos estudos da pátria e de suas riquezas. Quando, ainda em seu sítio Sossego, recebe notícias da Revolta da Armada, percebe, porém, nesse acontecimento uma oportunidade para se dedicar à pátria utilizando da bravura e da luta em defesa do governo.

O governo do Marechal é descrito no romance como uma tirania doméstica, “sua concepção de governo não era o despotismo, nem a democracia, nem a aristocracia;”⁹¹ A tirania doméstica funcionava da seguinte forma: “o bebê portou-se mal, castiga-se.”⁹² E Floriano seria o pai da nação responsável por todos.

“Levada a coisa grande, o portar-se mal era fazer-lhe oposição, ter opiniões contrárias às suas e o castigo não eram mais palmadas, sim, porém, prisão e morte. Não há dinheiro no Tesouro; ponha-se as notas recolhidas em circulação, assim como se faz em casa quando chegam visitas e a sopa é pouca: põe-se mais água.”⁹³

O narrador está caracterizando como infantil e ingênuo a forma de governar de Floriano gerando, agindo no governo do país como um pai severo age em casa, punindo seus filhos como forma de educar. Essa forma de governo geraria, na maioria das vezes, um governo opressivo e violento para a população. Ele destaca que Quaresma e outros homens honestos de seu tempo não pensavam nisso e foram tomados por um entusiasmo contagioso que Floriano despertava. Quaresma e esses homens honestos pensavam somente na reforma radical que esse patriarca iria promover no aniquilado organismo da pátria. Essa concepção apresentada pelo narrador mostra uma crítica que o autor do romance está fazendo

⁹⁰ BARRETO, A. H. de L. Op. Cit. p.85.

⁹¹ Idem. p. 277.

⁹² Idem. p. 277.

⁹³ Idem. p. 277.

à forma de governo de Floriano e como que as pessoas compraram suas ideias mediante a esperança de uma transformação operada pelo marechal.

As características não só de seu governo, mas também da pessoa do Marechal, trazem elementos contributivos para essa crítica presente no romance. “Tudo nele era desleixo e moleza.”⁹⁴ Assim o narrador começa a descrever a figura no Marechal. Enquanto Quaresma aguardava para falar com ele o narrador nos diz que “Floriano tinha ainda como sinal do almoço, o palito na boca.”⁹⁵ Era a forma pela qual, segundo o narrador, o ditador recebia a população em seu gabinete para ouvir queixas e receber apoio no combate a revolta que se iniciava. Floriano ainda aparece como preguiçoso, de ânimo fraco, um “homem-talvez”, transformado em estadista que resistiu à revolta mais por teimosia que por vigor, foi capaz de despertar entusiasmo e fanatismo em homens como Quaresma.

A abertura que ele dava para ouvir as demandas desse povo era inválida, pois a atenção dada ao que ouvia era mínima. Quaresma escreve um memorial com todas as suas propostas e ideias que trariam a solução para os problemas da pátria. Floriano faz pouco caso dessas propostas, ou seja, ele não dava efetivamente ouvidos ao que o povo ia lhe dizer. Na maioria das vezes o narrador dá destaque ao aborrecimento do Marechal ao ouvir o povo. Era esse presidente que Quaresma defende no Rio de Janeiro, por ver nele um meio de por suas propostas para a nação em prática.

Servindo ao batalhão patriótico Cruzeiro do Sul sob comando do tenente-coronel Bustamante. Quaresma recebe, numa madrugada fria, a visita de Floriano Peixoto que ia ver como estava a tropa. Na ocasião Quaresma aproveita para perguntar se o presidente havia lido o memorial. Ao ter a resposta afirmativa ele se entusiasma e começa a comentar suas propostas.

“Vê Vossa Excelência como é fácil erguer este país. Desde que se cortem todos aqueles empecilhos que eu aponte, no memorial que Vossa Excelência teve a bondade de ler; desde que se corrijam os erros de uma legislação defeituosa e inadapável às condições do país, Vossa Excelência verá que tudo isso muda, que, em vez de tributário, ficaremos com nossa independência feita.”⁹⁶

⁹⁴ Idem. p.269

⁹⁵ Idem. p.270.

⁹⁶ Idem. p. 308.

Como resposta às propostas de Quaresma, o Marechal logo pôs um final na conversa, partido da seguinte frase: “Você, Quaresma, é um visionário.”⁹⁷ Nesse momento percebemos que há um contraste entre o entusiasmo de Quaresma e o descaso de Floriano. Os traços de preguiça e moleza do presidente são um contraste a toda a empolgação, sonho, entusiasmo e idealismo de Quaresma, com a esperança em mudar as condições do Brasil, enquanto o Marechal estava conformado com a realidade e não dá crédito ao que Quaresma diz.

Mesmo com essa decepção inicial, no entanto, Quaresma segue combatente no batalhão patriótico Cruzeiro do Sul.

É nesse momento do romance que Lima Barreto coloca novamente em cena todos os personagens militares, que já haviam parecido antes em uma festa na casa do general Albernaz. Dessa vez fica claro, porém, que o interesse de todos em participar da Revolta era obter vantagens individuais. Mesmo demonstrando apoio e desejo de consolidar o regime republicano esses militares viam na Revolta uma forma de alcançar patentes melhores dentro da carreira militar e poder futuramente controlar alguma esquadra, como era o caso de Albernaz. Até o Marido de Olga, que era médico, via na Revolta uma forma de conseguir uma vaga num hospital público, o que alavancaria sua carreira e o daria mais reconhecimento.

O apoio ao governo de Floriano e a causa republicana nem era o principal para esses homens. Num diálogo entre o almirante Caldas e o general Albernaz fica claro que eles defendiam a necessidade de um governo forte que se fizesse respeitar para não ocorrer o mesmo que havia ocorrido com o imperador D. Pedro II, que na fala de Albernaz, “foi-se como um intruso.”⁹⁸ “Era um bom homem – observou o almirante – amava o país... Deodoro nunca soube o que fez.”⁹⁹ Percebe-se nesse diálogo uma crítica aos novos governantes da República que possuíam menos vínculos com o país que o imperador. No desfecho do diálogo Caldas concluía diz: “estávamos melhor naquele tempo, digam lá o que disserem.” E Albernaz complementa: “Quem diz o contrário? Havia mais moralidade... Onde está um Caxias? Um Rio Branco?”¹⁰⁰

⁹⁷ Idem. p.309.

⁹⁸ Idem. p. 247.

⁹⁹ Idem. p.248

¹⁰⁰Idem. p.248

Podemos perceber nesses personagens, dois sentimentos antagônicos. Primeiro é a solidariedade ao governo de Floriano, movida tanto por interesse particular quanto pela necessidade de que um governo forte se estabelecesse. Já o segundo é uma desilusão precoce com o regime recém-instaurado - lembrando que esse momento do romance se passa no ano de 1893, apenas quatro anos os separavam da queda da monarquia.

Ao defenderem a necessidade o Marechal se impor para ter um fim diferente de D. Pedro, demonstrando certo apoio ao presidente, e ao mesmo tempo lembrarem-se do período monárquico como um momento de mais moralidade e ordem, podemos concluir que para esses homens a diferença não estava no tipo de regime político, fosse monarquia ou fosse república. O importante era a capacidade dos governantes de manter seu prestígio e sua força, para poder colocar o país em ordem.

Essa ideia valia também para Quaresma. Seu patriotismo era superior a qualquer disputa política, a qualquer doutrina ou ideologia. Ainda assim, ele se diferenciava dos outros personagens, pois o seu voluntarismo em defesa de Floriano não tinha qualquer interesse pessoal. Ele buscava na figura desse governante alguém que pudesse promover as reformas necessárias para o engrandecimento da nação.

No batalhão patriótico Cruzeiro do Sul, Quaresma se dedica integralmente às suas novas funções, passando o dia inteiro no quartel improvisado e algumas vezes chegando a dormir no mesmo local onde dedica as horas livres para estudar a artilharia. Compra livros e passa horas lendo-os, preparando-se para o momento do confronto. Quando esse ocorre, no entanto, o conhecimento teórico de Quaresma não permite que ele aja com a velocidade e astúcia necessária para o momento e é um soldado quem faz os disparos de canhão necessário para atingir uma lancha que se aproxima. Isso mostra mais uma vez a distancia que o personagem tinha com a vida prática. Quaresma mais uma vez acredita que tendo conhecimentos teóricos seria o suficiente para agir. Assim como nos estudos da tradição e da agricultura, falta a ele experiência e só com a teoria ele acaba por fracassar em suas ações.

Assim como nos outros casos, no entanto, essa postura de Quaresma não se constrói no vazio. Se o personagem não tinha novamente a experiência ligada a

seus ideais, ele se aproximava, nisso, de outros teóricos que, naquele momento, preconizavam a necessidade de dedicação assídua e integral à pátria por meio do militarismo que seria o caminho a ser trilhado por todos os cidadãos que queriam fazer do Brasil uma grande nação.

Duas referências para esse pensamento estão no discurso de Olavo Bilac, por ocasião da fundação da Liga da Defesa Nacional¹⁰¹ em 1916, e no trabalho de Coelho Netto Breviário Cívico¹⁰² uma publicação feita pela Liga com distribuição gratuita.

Olavo Bilac faz seu discurso no dia da fundação, uma instituição civil que tinha por objetivo “robustecer na opinião pública nacional um elevado sentimento de patriotismo.”¹⁰³ O estatuto de 1916 tem enumerado todas as ações que a Liga deveria executar para atingir tal fim. Dentre elas chama a atenção “desenvolver o civismo, o culto do heroísmo, fundar e sustentar associações de escoteiros, linhas de tiros e batalhões patrióticos, quando autorizados por lei.”¹⁰⁴ A maioria de suas ações passa pelos ensinamentos militares, como

“aconselhar e facilitar a instrução militar em colégios, escolas, faculdades, academias, externatos, internatos, seminários, orfanatos, institutos de assistência pública e particular, associações de comércio, indústria, beneficência esportes e diversões.”¹⁰⁵

A educação cívica e militar está no centro de suas preocupações. Para Olavo Bilac, em seu discurso, a defesa nacional deve educar o homem, tirar ele da condição miserável em que vive. Para isso, “a coesão é indispensável, a disciplina é imprescindível. A verdadeira defesa nacional é a consciência nacional. É a noção perfeita, é a perfeita existência da pátria.”¹⁰⁶ Essa consciência só pode ser alcançada por meio de educação, pública e gratuita. Para que deveria haver uma defesa nacional? Para proteger o Brasil das ameaças externas e internas, que colocam em risco a independência e a unidade nacional. Portanto, para se viver com fartura, liberdade e honra é preciso se defender.

¹⁰¹ O discurso de Olavo Bilac está disponível na íntegra na internet no site da Liga de defesa nacional. Ver: <http://www.ligadadefesanacional.org.br/principal.htm> (acessado em 22/06/2011)

¹⁰² NETTO, Coelho. Breviário Cívico. Rio de Janeiro: Editora o Norte, 1921.

¹⁰³ Ver no site da instituição o primeiro estatuto da Liga da Defesa Nacional de 1916: <http://www.ligadadefesanacional.org.br/principal.htm> (acessado em 22/06/2011).

¹⁰⁴ Idem.

¹⁰⁵ Idem.

¹⁰⁶ Ver: <http://www.ligadadefesanacional.org.br/principal.htm>

Há três questões na sociedade que a Liga pretende resolver para se consolidar essa defesa nacional: a instrução primária, a organização do trabalho e a instrução militar.

“Precisamos de instrução militar e de exército nacional, para a defesa de nosso território e da nossa civilização, e para a defesa individual do organismo físico e moral de cada brasileiro. Precisamos de exército nacional, mas não do exército nacional que hoje temos: queremos um exército verdadeiramente nacional, sendo a própria nação composta de cidadão-soldados, em que cada brasileiro seja o próprio exército e o exército seja todo o povo.”¹⁰⁷

Não por acaso, a instrução militar, tal como defendida por Bilac, está muito próxima do ideal defendido por Policarpo Quaresma, lembrando que ele é um personagem que acredita que o patriotismo se passa pela bravura militar. O que Bilac está defendendo também é uma mudança no próprio exército, que deveria deixar de ser composto por uma classe militar, para ser composto por todos os cidadãos, interessados unicamente na defesa da pátria. O profissionalismo dentro do exército só deveria ser exercido por alguns oficiais, os demais seriam os próprios cidadãos. Para ele isso afastaria o problema do militarismo no poder, pois “numa sociedade onde todos os cidadãos forem soldados, ninguém terá medo de soldado.”¹⁰⁸ Bilac defende o alistamento obrigatório onde todo cidadão deveria dedicar ao menos um ano a serviço da pátria, o quartel teria função de formar o cidadão, civicamente e profissionalmente, sendo um meio para solucionar os outros dois problemas da pátria, a educação primária e a organização do trabalho.

Um dos objetivos da Liga era o de “publicar um catecismo cívico, e livros de educação patriótica, destinados á infância e adolescentes, para distribuição gratuita.”¹⁰⁹ É cumprindo tal objetivo que, em 1921, Coelho Netto publica o Breviário cívico. Dedicou tal obra aos seus filhos, como representantes da juventude, que encontraria no livro toda a doutrina para o culto da virtude e para o amor da pátria. Esse livro é um manual com todos os ensinamentos necessários para se cultuar a pátria, há nele a definição de pátria, a importância da língua nacional, os hinos e os símbolos nacionais, uma série de princípios como:

¹⁰⁷ Idem.

¹⁰⁸ Idem.

¹⁰⁹ Ver, <http://www.ligadedefesanacional.org.br/principal.htm>.

liberdade, disciplina, obediência que são fundamentais para se formar o caráter do cidadão, os direitos e deveres do cidadão e as principais datas nacionais.

Ao falar do serviço militar, Netto defende que o exercito é a nação. Para ele o serviço militar é o primeiro e o mais nobre dever do cidadão, portanto deve ser obrigatório. Ele defende o escotismo como o meio de ensinar desde cedo às crianças os princípios pátrios.

A partir de tais propostas, é possível fazer algumas relações com o que já foi apresentado do romance até agora. A primeira relação que é central é o voluntarismo combatente de Quarema. O personagem é o exemplo de um cidadão dedicado à pátria, assim como Bilac e Netto idealizavam. Ele é desprendido de interesses pessoais, teve uma vida integralmente dedicada à pátria e aos seus estudos e por fim, mesmo não sendo mais jovem, se disponibiliza a defender o governo de uma ameaça interna que poderia comprometer a unidade e a ordem da nação. O romance também mostra que Quaresma é uma exceção na em relação aos demais personagens. Os homens de posição mais alta na sociedade defendem o governo buscando interesses particulares e os de origens mais baixas são voluntários sem saber ao que estão servindo, como é o caso de Ricardo Coração dos Outros e os inúmeros soldados que durante a revolta vão desertando. Para Bustamante falta patriotismo a esses soldados.

Durante o romance não fica clara a posição política de Quaresma, se ele é republicano ou monarquista. Isso porque, para o seu patriotismo, isso não faria diferença, pois ele não deixaria de amar a pátria pela sua posição política. Essa é uma posição defendida por Bilac no seu discurso, mesmo sendo republicano assumido. A defesa da nação deve vir em primeiro lugar.

Por mais que Olavo Bilac e Coelho Netto se digam pacifistas, o segundo afirma em sua obra que “só a força pode assegurar a paz que é uma flor que se ostenta na haste das baionetas.”¹¹⁰ Bilac, por sua vez, diz que devemos defender o pacifismo, mas é preciso está preparado para uma guerra defensiva que nos seja imposta. Ambos defendem que a força é admirável quando usada ao lado da justiça. Seguindo a mesma trilha, é em defesa de uma legalidade específica que Quaresma luta na Revolta da Armada.

¹¹⁰ Ver. NETTO, Coelho. Op. Cit. p. 115.

A posição de Quaresma desnuda, assim, a crítica de Lima Barreto à concepção de patriotismo da de Bilac e Coelho Netto.

Lima Barreto possui uma posição clara em relação ao patriotismo. Ele é contrário a essa forma de veneração à pátria que gera violência e diferenciação entre os homens. É o que ficaria claro na continuidade do romance.

A trágica participação de Quaresma no batalhão patriótico começa quando ele é chamado de visionário pelo Marechal Floriano. Nesse momento, Quaresma se questiona da validade do poder desse governante aparentemente desinteressado de suas propostas e despreocupado em promover tais mudanças. Se não fosse pra melhorar as condições de vida da população e trazer a felicidade, para que defender aquele governo. Mas ele não desiste da luta, apesar de começar a apresentar traços de desilusão com o governo.

Quando o conflito passa da artilharia para a infantaria, o que significava uma batalha mais corpo a corpo, o drama de Quaresma se torna ainda mais evidente. Sua trágica situação é narrada na carta que escreve à sua irmã.

O narrador nos diz antes da carta que essa não teria mais um tom confiante e entusiástico de antes. Ele demonstrava desânimo, desalento e desespero. Quaresma havia sido ferido num campo de batalha, os horrores da luta são narrados à sua irmã.

“Fiquei com um horror à guerra que ninguém pode avaliar... Houve momento em que abandonamos as armas e fogo: batámo-nos à baioneta, a coronhadas, a machado, facão. Filha: um combate de trogloditas, uma coisa pré-histórica... Eu não vi homens de hoje; vi homens de Cro-Magnon, do Neanderthal armados com machados de sílex, sem piedade, sem amor, sem sonhos generosos, a matar, sempre a matar...Eu matei, minha irmã; eu matei! E não contente de matar ainda descarreguei um tiro quando o inimigo arquejava a meus pés...”¹¹¹

Até aqui Quaresma conta toda a violência da guerra e a sua capacidade de embrutecer os homens. Ele, que era um homem taciturno, austero, sempre muito metódico e de espírito elevado, diante da batalha sucumbe a atos de violência e, como ele diz, primitivos. A guerra para ele era o oposto do que ele entendia como civilização, era o ato mais selvagem dos homens. E continua a narrar sua desilusão na carta:

“Além do que penso que todo esse meu sacrifício tem sido inútil. Tudo que nele pus de pensamento não foi atingido; e o sangue que derramei, e o sofrimento que

¹¹¹ BARRETO, Lima. Op. Cit. p. 335.

vou sofrer toda a vida, foram empregados, foram gastos, foram estragados, foram vilipendiados e desmoralizados em prol de uma tolice política qualquer.”¹¹²

Nesse segundo momento da carta Quaresma, diante de tudo que ele passou no campo de batalha começa a se questionar se eram válidas todas as suas ações, todos os seus esforços para alcançar o seu ideal, que não foi alcançado, mas sim desperdiçado numa luta política que não era a dele. Para Quaresma a luta contra a revolta não podia se encerrar em questões políticas, tinha uma finalidade maior que não pode ser alcançada, apesar da violência que o seu patriotismo o fez praticar.

Nesse último ato de Quaresma, Lima Barreto está demonstrando como que o patriotismo, um ideal seguido por muitos sem uma reflexão, pode gerar atos de violência descabidos. Para o autor do romance o patriotismo é sempre gerador de violência entre os homens.

De fato, analisando algumas de suas crônicas podemos perceber posições mais claras do autor em relação ao patriotismo. Na crônica “O Patriotismo” presente no conjunto de crônicas intitulado Coisas do Reino de Janbom, mas com a primeira publicação pelo Correio da Noite em 21 de dezembro de 1914, Lima Barreto afirma que:

“de uns tempo a esta parte, graças à crítica histórica, difundida por todas as formas e meios, que o patriotismo é um sentimento que vai morrendo, e, se ainda é mantido cultuado, em certas partes do mundo, é devido unicamente à necessidade de defesa contra a vizinhança de países arrogantes, em que charlatãs do Estado, em nome da pátria e de estúpida teoria das raças, instilaram na massa ignara das populações sentimentos guerreiros de agressão contra os quais nos devemos precaver, como se de cães danados fossem.”¹¹³

Nessa afirmativa há diversos elementos que ajudam a compreender como Lima Barreto entendia o patriotismo: um sentimento criado pelos líderes de Estado, sentimentos guerreiros de agressão. Ele anuncia que o patriotismo é um sentimento que estaria morrendo e o único que resta é pela necessidade da guerra, pela defesa contra os vizinhos.

Nessa crônica aparecem duas formas de agir com o patriotismo, uma agressiva e outra defensiva. Porém ambas são geradoras de violência, como já foi apresentado no romance, Quaresma só estaria defendendo o governo de uma

¹¹² Idem. p. 336.

¹¹³ BARRETO, Afonso Henrique de Lima. “O Patriotismo”. In, *Coisas do Reino de Jambon*. São Paulo, Brasiliense, 1956. p. 75. (*Correio da Noite*, Rio, 21-14-1914)

agressão interna contra a ordem constituída, e mesmo assim a violência era um mal.

Antes disso, Lima Barreto voltaria a criticar o caráter belicoso da pátria poucos meses depois na crônica “Defesa da Pátria”¹¹⁴, publicada na revista *Careta* em 21 de agosto de 1915.

“O governo, o sábio governo, tendo em vista que a Pátria, o solo sagrado da Pátria, o chão onde estão os ossos dos nossos avós, precisa de defesa eficiente contra os nossos inimigos prováveis, resolveu muito acertadamente criar linhas de tiro, onde os jovens, nas horas de lazer, se exercitassem de modo cabal no manejo das armas de guerra, formando assim economicamente uma reserva do exército, aguerrida e hábil.”¹¹⁵

Novamente ele faz uma crítica ao caráter violento que está a trelado à ideia de pátria. Na continuação dessa crônica ele conta a história de um jovem que foi um dos melhores atiradores de um desses clubes e no final das contas acaba indo trabalhar para um homem que é responsável por eleger um deputado. Assim ele termina matando um homem apenas para cumprir ordens do homem que o contratou e nada ocorre a ele por esse ato. Concluindo, no final das contas a aprendizagem que ele recebe no clube serve para ele defender interesses particulares, a política de uma localidade e não para defender a pátria como era a proposta inicial.

Levando em consideração que o primeiro estatuto da Liga da Defesa Nacional determinava como um dos objetivos dessa Liga desenvolver o civismo mediante a criação de linhas de tiro e batalhões patrióticos, é justamente a essa forma de civismo que Lima Barreto está fazendo crítica. No caso da crônica a intenção inicial era defender a pátria, na medida em que os cidadãos fossem pessoas preparadas para isso, mas no final das contas o homem acaba sendo utilizado como instrumento para defender interesses políticos particulares. Algo muito parecido ocorre com Quaresma no batalhão patriótico, com a intenção de defender a pátria ele termina por desperdiçar suas forças numa tolice política qualquer.

A posição de Lima Barreto em relação ao patriotismo pode ser melhor sintetizada com o que ele escreve na crônica “São capazes de tudo” ao comentar a Grande Guerra de 1914.

¹¹⁴ BARRETO, Afonso Henrique de Lima. “Defesa da Pátria”. In, *Coisas do Reino de Jambon*. São Paulo, Brasiliense, 1956. p.31 (*Careta*, Rio, 21-08-1915)

¹¹⁵ Idem, p.31.

“Não sendo patriota, querendo mesmo o enfraquecimento do sentimento de pátria, sentimento exclusivista e mesmo agressivo, para permitir o fortalecimento de um maior que abrangesse, com a Terra, toda a espécie humana.”¹¹⁶

Policarpo Quaresma é assim a oposição do seu criador, pois para ele o patriotismo é um sentimento que vem na frente da humanidade. Para Lima Barreto esses sentimentos parecem antagônicos e a humanidade deveria prevalecer sobre o patriotismo. Criando tal personagem, que no final se desencanta com o mundo e com suas ideias, Barreto está fazendo uma crítica direta a tal concepção.

Nota-se, assim, que o romance de Lima Barreto está fazendo uma síntese dessa ideia de que o patriotismo deve ser defendido com bravura e se necessário for com a guerra. Por mais que o romance tenha sido escrito poucos anos antes da fundação da Liga de Coelho Netto escrever o manual de civismo para a juventude, as ideias de civismo que as fundamentaram já se mostravam vivas e fortes – sendo contra elas que se insurge o literato.

Ao tratar do patriotismo militarista de Quaresma, Lima Barreto procura mostra assim, mais uma vez, que as ideias de seu personagem estão equivocadas. O civismo e o voluntarismo combatente a favor da pátria podem contribuir para violências descabidas e atender a interesses que não são o da nação, como os interesses de Floriano Peixoto e o grupo político que ele representa.

Na sequência do romance ele presencia os atos de tirania e arbitrariedade do governo de Floriano, que seleciona aleatoriamente os revoltosos presos que seriam executados. Agindo ainda com seu espírito elevado e buscando sempre a justiça Quaresma denuncia essa atitude e como consequência é preso e tem o seu triste fim. Após a decepção com esse terceiro ato patriótico, Quaresma chegava finalmente ao triste fim de sua saga. Fracassado nos três caminhos que para ele pareciam viáveis para se engrandecer a pátria, restava a ele somente decepção e desalento.

¹¹⁶BARRETO, Afonso Henrique de Lima. “São capazes de tudo”. In, *Bagatelas*. São Paulo, Brasiliense, 1956. p.152 (06-01-1919)

5. Conclusão

Quaresma é preso como um traidor depois de protestar contra a atitude arbitrária do funcionário do Itamarati, ao selecionar aleatoriamente os revoltosos que seriam punidos, ele é enviado ao calabouço. É neste local momentos antes de sua execução, sem qualquer julgamento que Quaresma reflete sobre sua vida e questiona toda sua dedicação à pátria. O narrador descreve os seus pensamentos de desilusão e infelicidade.

“O tupi encontrou a incredulidade geral, o riso, a mofa, o escárnio; e levou-o à loucura. Uma decepção. E a agricultura? Nada. As terras não eram ferazes e ela não era fácil como diziam os livros. Outra decepção. E, quando o seu patriotismo se fizera combatente, o que achara? Decepções. Onde estava a doçura de nossa gente? Pois ele não a viu combater como feras? Pois não havia a matar prisioneiros, inúmeros. Outra decepção. (...)

A pátria que quisera ter era um mito; era um fantasma criado por ele no silêncio do seu gabinete. Nem a física, nem a moral, nem a intelectual, nem a política que julgava existir, havia.”¹¹⁷

Esse trecho resume os três caminhos que elevaram o personagem a acreditar no patriotismo e a ele dedicar a sua vida e as decepções de cada um desses meios. Lima Barreto está mostrando que a realidade é bem mais complicada que as teorias sobre a nação encontradas nos livros. Todas essas propostas de nação são uma ilusão e não poderiam dar certo. Importante notar que elas foram criadas no silêncio do gabinete de Quaresma a partir dos seus estudos, de suas leituras. Ou seja, essas pretensões de nacionalidade não eram baseadas na experiência, em especial na popular, mas em discursos vazios, construídos a partir de teorias incapazes de tratar da especificidade brasileira.

Evidencia-se assim como, por mais que fossem ficcionais, as ideias de Quaresma não são mera criação arbitrária de Lima Barreto, pois há nela uma alusão clara aos pensamentos sobre a nação de contemporâneos a ele. As decepções de Quaresma são todas causadas pela inaplicabilidade dessas ideias, ou seja, para Lima Barreto elas não dão conta de falar da nacional. Ele está fazendo uma crítica a todas elas mostrando suas limitações e distância com a realidade social brasileira: coisa de quem não conhece a realidade do país, como Quaresma. Não é de estranhar, por isso, que na ocasião do lançamento do romance em 1916

¹¹⁷ BARRETO, Lima. Op. Cit. p. 349.

Barreto tenha dito que no seu livro pretendia “mostrar a puerilidade de muitas das nossas pretensões brasileiras.”¹¹⁸

Essas leituras da pátria para ele seriam ingênuas e descabidas para o Brasil. Seguindo o narrador do romance ele nos diz que Quaresma lembra que a ideia de pátria seria a amplificação de credices dos povos greco-romanos e que é uma noção inválida para muitos outros povos. E conclui o seus pensamentos a respeito da ideia de pátria: “certamente era uma noção sem consistência racional e precisava ser revista.” Ou seja, Lima Barreto está questionando a necessidade de utilização de tal ideia para os brasileiros, e dizendo que ela não é algo inerente a todos os povos.

Quaresma seria uma síntese dos diversos caminhos ou das pueris pretensões brasileiras de dar uma resposta para a questão nacional. Porém todos esses caminhos são falhos, pois não se adequam a especificidade do Brasil. Para Barreto são produções de intelectuais que não conhece a realidade do brasileiro.

Em diversos momentos do romance vimos que as teorias de Quaresmas são contrastadas com a experiência dos demais personagens. Isso ocorre na aprendizagem do violão com Coração dos Outros, com a ex-escrava Maria Rita que lembrava cantigas referentes ao seu trabalho como ama, com seu agregado e ex-escravo Anastácio na hora de trabalhar a terra e na utilização da artilharia, quando os soldados simplesmente disparam contra o inimigo, enquanto Quaresma faz cálculos. Esses exemplos mostram como que Quaresma, um personagem ligado às ciências, às técnicas e possuidor de vasto conhecimento sobre o Brasil, na verdade possui um conhecimento incapaz de compreender e entender a realidade do Brasil.

Lima Barreto desconstrói todas essas matrizes de pensamento que buscavam dar resposta sobre a nacionalidade brasileira apontando suas limitações. A contribuição que Barreto dá ao debate sobre a identidade nacional no início do século XX é apontar para a necessidade de se compreender a realidade do povo brasileiro.

¹¹⁸ Ver. BARRETO, Lima apud SCHWARCZ, Lilia Mortz. “Introdução – Numa ‘encruzilhada de talvez’: um grande romance aos pedaços”. In, BARRETO, Lima. Op. Cit. p. 20

6. Referências Bibliográficas

Fontes:

BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 2011.

_____. *Correspondências*. Vol. 1. Francisco de Assis Barbosa (org.). São Paulo: editora Brasiliense, 1956.

_____. “O Patriotismo”. In, *Coisas do Reino de Jambon*. São Paulo, Brasiliense, 1956. p. 75. (Correio da Noite, Rio, 21-14-1914)

_____. “Defesa da Pátria”. In, *Coisas do Reino de Jambon*. São Paulo, Brasiliense, 1956. p.31 (Caretta, Rio, 21-08-1915)

BILAC, Olavo. A defesa nacional. 1916. Disponível em, <http://www.ligadadefesanacional.org.br/principal.htm> (acessado em 22/06/2011)

CELSO, Afonso. *Porque me ufano de meu país*. EbookLibris, 2002.

_____. “Cotas ao Caso”. In, *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 28 de março de 1916.

FILHO, Mello Moraes. *Festas e tradições populares do Brasil*. Belo Horizonte: Editora Itatiáia, 1979.

NETTO, Coelho. *Breviário Cívico*. Rio de Janeiro: Editora o Norte, 1921.

Primeiro estatuto da Liga da Defesa Nacional de 1916. Disponível em: <http://www.ligadadefesanacional.org.br/principal.htm> (acessado em 22/06/2011).

Bibliografia:

ABREU, Martha e DANTAS, Carolina. “Música popular, folclore e nação no Brasil, 1890-1920.” In, CARVALHO, José Murilo de. *Nação e cidadania no império: novos horizontes*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

- ASSIS, Machado de. “Literatura Brasileira – Instinto de nacionalidade”. In, *Queda que as mulheres tem para os tolos e outros textos*. Belo Horizonte: Crisálida, 2003.
- BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002. 8º Edição.
- BOTELHO, Denilson. *A pátria que quisera ter era um mito: uma introdução ao pensamento político de Lima Barreto*. Campinas, SP: Dissertação de mestrado UNICAMP, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 1996.
- _____. *Letras militantes: história, política e literatura em Lima Barreto*. Campinas, SP: Tese de doutorado UNICAMP, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Afonso de Miranda (org.). *A História contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- CERTEAU, Michel de e JULIA, Dominique. “A beleza do morto: o conceito de cultura popular.” In, REVEL, Jacques. *A invenção da sociedade*. Lisboa: Difusão editorial, 1989.
- EAGLETON, Terry. *Teoria Literária: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- GOMES, Angela de Castro. “Essa gente do Rio...: os intelectuais cariocas e o modernismo.” *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 6, n° 11, 1993.
- HOLANDA, Sergio Buarque de. “Em torno de Lima Barreto” in, *Cobra de Vidro*. São Paulo: Perspectiva, Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1978. pp. 131-146. (Prefácio da Clara dos Anjos de 1956).
- MOTA, Maria Aparecida Rezende. *Silvio Romero: dilemas e combates no Brasil da virada do século XX*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2000.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A questão nacional na Primeira República*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.
- PENNA, Lincoln de Abreu. *O progresso da ordem: O Florianismo e a construção da República*.

- PRADO, Antonio Arnoni. *Lima Barreto: o crítico e a crise*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- RENAN, Ernest. “O que é uma nação?” In, ROUANET, Maria Helena (org.). *Nacionalidade em questão*. Rio de Janeiro: UERJ, Caderno de Pós/Letras, n° 19, 1997.
- ROSSO, Mauro. *Lima Barreto e a política: os “Contos Argelinos” e outros textos recuperados*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2010.
- SUSSEKIND, Flora. “O escritor como genealogista: a função da literatura e a língua literária no romantismo brasileiro.” In, PIZARRO, Ana. *América Latina: Palavra, Literatura e Cultura*. (vol.2). Emancipação do discurso. São Paulo: Memorial; Campinas: UNICAMP, 1994.
- VELLOSO, Monica Pimenta. “O modernismo e a questão nacional”. In, DELGADO, Lúcia de Almeida Neves e FERREIRA, Jorge (orgs.). *O Brasil republicano: o tempo do liberalismo excludente*. Da proclamação da República à revolução de 1930. (Vol. 1). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Editora Brasiliense, 3° edição, 1989.